

Exigências absurdas provocaram muita fila

Bolsonaro segura 'ajuda' para forçar povo a se infectar

HORA DO POVO
ANO XXX - Nº 3.752 15 a 21 de Abril de 2020

Reprodução WhatsApp



Fila para regularizar CPF, em Recife, na porta da CEF

Para Osmar Terra, pobre deve se preocupar com comida e não em morrer

O jogo que o governo Federal vem fazendo durante a pandemia do coronavírus é criminoso. De um lado Paulo Guedes, ministro da Economia, segura o quanto pode os recursos emergenciais liberados pelo Congresso para que a população sobreviva durante a quarentena, enquanto, por outro lado, Bolsonaro ataca todos os dias essas medidas de proteção da população, entre elas o distanciamento social. Para completar, com exigências absurdas - como a regularização do CPF dos informais - força a aglomeração de pessoas, como se viu na segunda-feira (13). **P.3**

Arquivo pessoal - Adipe Neto



“Sr presidente, é revoltante te ver na tv falando mentiras”, diz filho de vítima do coronavírus

“Suas condolências são falsas, eu não as aceito. Guarde-as para quando algum dos seus queridos falecer”, desabafou o empresário Adipe Neto contra Bolsonaro. Dono de uma empresa de festas em São Paulo, ele perdeu seu pai, Adipe Miguel Júnior, vítima da Covid-19. Adipe, na foto, no colo do pai, manifestou perplexidade com o comportamento de Bolsonaro em relação à pandemia. **Pág. 3**

Guedes diz que investimento em médico e UTI é “pauta bomba”

Roberto Parizotti - Fotos Públicas



Avenida Paulista no domingo, dia 12. O número de pessoas que se manteve em quarentena voltou a subir

Quarentena cresce em S. Paulo e governador quer chegar a 70%

O índice de pessoas que permaneceram em casa por conta do novo coronavírus no estado de São Paulo cresceu de 47% para 59% entre a última quinta-feira, 9, e a manhã de segunda-feira,

anunciou o governador de São Paulo, João Dória, nesta segunda-feira (13). Os dados são do Sistema de Monitoramento Inteligente (SIMI-SP), que começou a fazer o monitoramento na última

semana. Na avaliação do governo, para que o sistema de saúde dê conta de atender os pacientes que serão infectados pela covid-19, é preciso que 70% da população fique em casa. “Quanto melhor e

maior for o isolamento, mais rapidamente sairemos dessa crise e voltaremos ao normal”, afirmou o governador, que defendeu a quarentena e mais uma vez criticou a postura de Bolsonaro. **Página 4**

Ele exige que estados e municípios congelem salários e mantenham depauperadas as escolas públicas, o corpo de bombeiros, as delegacias, etc. A ordem é reduzir os serviços públicos. O ministro Paulo Guedes insiste na política de arrocho aos estados e municípios e perseguição aos servidores, entre eles médicos, professores, policiais, bombeiros. As dificuldades que o Brasil está tendo para diagnosticar e tratar as vítimas da Covid-19 são resultado da política desastrosa de desmonte do estado. **P. 2**

Governo embute ajuda a bancos na PEC de guerra

Os senadores da República não estão dispostos a aprovar o artigo 115, § 9º, da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 10, de 2020, enviada pelo governo ao Congresso Nacional e aprovada em tempo recorde na Câmara Federal. O artigo, segundo alguns senadores, abriria as portas para que o Banco Central, a pretexto de combater a crise, acabe beneficiando os bancos com a compra descontrolada de seus títulos. Por esse motivo a votação da “PEC da Guerra” no Senado foi adiada. A polêmica com o governo é sobre o ritmo lento de liberação quando é para atender o povo e a extrema agilidade quando o objetivo é “dar liquidez ao sistema financeiro”. **Pág. 2**

CNBB, OAB, ABI e SBPC propõem pacto dos lúcidos

“Não deixaremos que nos roubem a esperança de um futuro melhor”, destacou o manifesto das entidades que lançaram o “Pacto pela Vida e pelo Brasil”. **Página 4**

1 REAL BRASIL
Nas bancas toda quarta e sexta-feira

Covid: Equador retira 700 corpos da rua somente em Guayaquil

Após o colapso do sistema hospitalar e funerário, a força-tarefa enviada pelo governo de Quito a Guayaquil - centro da epidemia - fez a remoção. **P. 6**

Reprodução



Bolsonaro é vaiado nas ruas: “Vai pra casa”, “assassino”

Bolsonaro voltou a atentar contra o combate à pandemia da Covid-19. Na quinta-feira (9), cercado de seguranças, entrou em uma padaria na Asa Nor-

te, Brasília. Do alto dos prédios a reação foi imediata, vaias, painéis e gritos de “assassino”, “fora Bolsonaro”, “pilanttra safado”. **Página 3**

“É difícil combater a pandemia de imbecis”, diz Darín

Guedes diz que investimento em médico e UTI é “pauta bomba”

Governo embute ajuda a bancos na ‘PEC de Guerra’

Os senadores da República não estão dispostos a aprovar o artigo 115 – § 9º da Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 10, de 2020, enviada pelo governo ao Congresso Nacional e aprovada em tempo recorde na Câmara Federal. O artigo, segundo alguns senadores, abriria as portas para que o Banco Central, a pretexto de combater a crise, acabe beneficiando os bancos com a compra descontrolada de seus títulos.

Por esse motivo a votação da “PEC da Guerra” no Senado foi adiada.

Com exceção de Jair Bolsonaro, que insiste em defender a volta imediata ao trabalho, independente de quantos brasileiros vão morrer por conta dessa estupidez, os parlamentares de quase todos os partidos políticos defendem que o governo aumente os gastos públicos para garantir a sobrevivência das pessoas durante a quarentena e o distanciamento social.

A polêmica com o governo é sobre o ritmo lento de liberação quando é para atender o povo e a extrema agilidade quando o objetivo é “dar liquidez ao sistema financeiro”.

Três semanas se passaram até que os primeiros R\$ 600 aprovados pelo Congresso começassem a pingar nas contas dos trabalhadores informais e autônomos. Se dependesse do governo, esse valor seria de apenas R\$ 200. Mas, para os bancos, já no dia 23 de março, Paulo Guedes e o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, anunciaram um conjunto de seis medidas com uma “ajuda” sucultenta ao setor. O chamado “pacote de liquidez”. Essas medidas juntas, segundo alardeou o próprio governo, disponibilizaria R\$ 1,2 trilhão (16,7% do PIB) para “garantir a saúde financeira dos bancos”.

Só uma dessas medidas anunciadas pelo governo, a autorização para que o Banco Central empreste dinheiro aos bancos tomando Letras Financeiras (LF) como garantia, o governo libera cerca de R\$ 670 bilhões para as instituições financeiras.

Os deputados e senadores querem que o dinheiro vá para salvar vidas, para garantir a renda da população mais pobre, para os informais que precisam fazer a quarentena, e para as empresas produtivas que não demitem. Assim o país poderá construir mais leitos de UTI e mais vidas serão salvas. Com os recursos liberados, as pessoas poderão se proteger em casa e a roda da economia poderá seguir girando. Só assim o país conseguirá enfrentar a crise.

Mas, o que vemos é o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto e Paulo Guedes, defendendo a abertura dos cofres públicos sim, mas para abastecer rápida e prioritariamente os bancos.

Todos os segmentos sociais querem que o país use os recursos públicos para salvar vidas e para impedir a catástrofe econômica. Economistas de todas as tendências econômicas estão defendendo o aumento dos gastos públicos. Seja através da Conta Única do Tesouro – que tem em caixa 1,35 trilhão de reais – seja emitindo dinheiro, ou mesmo aumentando a dívida pública junto ao BC. Tudo é válido para garantir a vida, a renda, os salários, o funcionamento das empresas e o atendimento de todas as necessidades mais urgentes do sistema de saúde para o enfrentamento da pandemia.

Entre os que defendem essa saída – da emissão de moeda – estão economistas como Raul Veloso, Bresser Pereira, os keynesianos, os neoliberais, os economistas de esquerda, e, mais recentemente, até o ex-presidente do Banco Central do governo Lula, Henrique Meirelles, advogou a medida.

Roberto Campos Neto, presidente do BC, reclamou dizendo que é contra qualquer ampliação da base monetária. Ele criticou a defesa que Henrique Meirelles, atual Secretário da Fazenda do governo Dória, fez, na quarta-feira (08), em entrevista à BBC, da emissão de moeda pelo Banco Central para fazer frente aos gastos emergenciais. Segundo Meirelles, essa medida, neste momento, é a melhor porque não é inflacionária e nem aumenta o endividamento público junto ao mercado financeiro.

O presidente do BC usou a velha cantilena de seu avô [Roberto Campos], de que não pode haver ampliação da base monetária porque isso seria inflacionário. Só uma mente geneticamente doentia como a sua pode alardear ameaça de inflação numa economia que está estagnada e caminha para a recessão, como a brasileira. A emissão de moeda numa economia em recessão, que tem grande capacidade ociosa, estimula a ocupação dessa capacidade ociosa e não causa inflação.

Roberto Campos, assim como Paulo Guedes, tiveram que parar de falar em ajustes. Eles não conseguem mais ser contra aumentar os gastos públicos. Eles defendem que o estado gaste sim, e gaste muito dinheiro, mas não com o povo ou com as empresas produtivas do país, mas sim com os bancos. O objetivo central dessa gente é usar os recursos do Tesouro para capitalizar os bancos.

Leia matéria completa: <https://horadopovo.com.br/governo-embute-artigo-de-ajuda-a-bancos-na-pec-de-guerra-contra-a-epidemia/>.

SÉRGIO CRUZ

Escreva para o HP
horadopovo@horadopovo.com.br

HP
HORA DO POVO
é uma publicação do
Instituto Nacional de
Comunicação 24 de agosto
Rua José Getúlio, 67, Cj. 21
Liberdade - CEP: 01509-001
São Paulo-SP
E-mail: inc24agosto@uol.com.br
C.N.P.J 23.520.750/0001-90

Editor-Geral: Clóvis Monteiro Neto
Redação: fone (11) 2307-4112
E-mail: horadopovo@horadopovo.com.br
E-mail: comercial@horadopovo.com.br
E-mail: hp.comercial@uol.com.br
Redação: Rua Mazzini, 177 - São Paulo - CEP: 01528-000

Sucursais:
Rio de Janeiro (RJ): IBCS - Rua Marechal Marques Porto 18, 3º andar, Tijuca - Fone: (21) 2264-7679
E-mail: hprj@oi.com.br

Brasília (DF): SCS Q 01 Edifício Márcia, sala 708 - CEP: 70301-000
Fone-fax: (61) 3226-5834 E-mail: hp.dig@ig.com.br

Belo Horizonte (MG): Rua Mato Grosso, 539 - sala 1506
Barro Preto CEP 30190-080 - Fone-fax: (31) 271-0480
E-mail: horadopovomg@uol.com.br

Salvador (BA): Fone: (71) 9981-4317 -
E-mail: horadopovobahia@oi.com.br

Recife (PE): Av. Conde da Boa Vista, 50 - Edifício Pessoa de
Melo, sala 300 - Boa Vista - CEP 50060-004
Fones: (81) 3222-9064 e 9943-5603
E-mail: horadopovope@yahoo.com.br

Belém (PA): Avenida Almirante Barros/Passagem Ana Deusa,
140 Curú-Itinga - CEP 66610-290. Fone: (91) 229-9823

Correspondentes: Fortaleza, Natal, Campo Grande,
Rio Branco, João Pessoa, Cuiabá, Porto Alegre, Florianópolis
e Curitiba.

www.horadopovo.com.br



Ministro de Bolsonaro retarda ajuda emergencial no combate ao Covid-19

Meirelles quer emissão de moeda contra crise

O secretário de Fazenda e Planejamento do Governo de São Paulo e ex-ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, defendeu na quarta-feira (8) que é hora de o governo federal aumentar o investimento público para conter o impacto do coronavírus sobre a saúde e a economia. Sua opinião se soma a vários economistas que defendem a emissão de moeda contra a crise.

Para isto, Meirelles, que também foi ex-presidente do Banco Central do Brasil (BC), diz não ter dúvidas de que o governo federal deva imprimir dinheiro e aumentar fortemente suas despesas para conter o impacto do coronavírus sobre a saúde dos brasileiros e para evitar que a economia brasileira entre em colapso.

“O Banco Central tem grande espaço de expandir a base monetária, ou seja, imprimir dinheiro, na linguagem mais popular, e, com isso, recompor a economia. Não há risco nenhum de inflação nessa situação”, disse Meirelles em entrevista à BBC News Brasil.

Segundo Henrique Meirelles, grande defensor do controle dos gastos públicos, a retração da economia será tão brutal, mas não existe risco de inflação caso a autoridade monetária emita moeda, por exemplo, para realizar o pagamento do auxílio emergencial aos trabalhadores e empresas pelo período que vigorar as restrições. Estas estão sendo feitas para evitar que o sistema de saúde brasileiro desabe e que a coronavírus, causador da doença Covid-19, acabe com mais vidas.

Questionado se emitir moeda implicaria em um aumento no endividamento público, Meirelles disse que imprimir dinheiro neste momento de crise não elevaria as contas públicas necessariamente, “porque o Tesouro Nacional não está tomando



Meirelles é secretário da Fazenda do Governo de SP

recursos, emitindo títulos no mercado na operação de ‘impressão de dinheiro’ do Banco Central”.

“No momento em que o Banco Central emite moeda, ele está simplesmente expandindo a base monetária. Ele tem a capacidade de emissão sem contrair dívida. E isto é como distribuir esse dinheiro. Se o governo distribui, por exemplo, através do auxílio emergencial de R\$ 600, não há aumento nenhum de endividamento”.

“Agora, evidentemente que, no final da crise do coronavírus, haverá um aumento da dívida pública. Independentemente de alguma capacidade de emissão de dinheiro do Banco Central sem necessariamente passar pelo Tesouro emitindo dívida”, disse o economista, destacando que “a prioridade, hoje, é evitar a depressão”, independente do aumento da dívida.

“Dos males o menor. Qual é a alternativa ao aumento de dívida? A alternativa é um colapso econômico, que é pior, porque aí nós teremos aumentos posteriores da dívida. Porque aí inclusive o PIB cai, e a dívida como percentual do PIB já aumenta matematicamente. Fora a questão do desemprego e da capacidade da economia de gerar emprego e renda no futuro e evidentemente a arrecadação pública que também cai quando há recessão”.

“Então, entre as duas

alternativas, não há dúvida de que, a essa altura, a alternativa da emissão de títulos, isso é, do aumento da dívida, é melhor. Além do que, isto é um ponto importante (as medidas contra a crise provocada pelo coronavírus), é uma razão de aumento de dívida que todos compreendem e acham que está certa”.

Para Meirelles, o caminho para evitar a depressão “é fazer com que a economia continue a funcionar. Porque, se não, será a pior solução possível: se as empresas forem destruídas, processo massivo de pedidos de recuperação judicial, desmantelamento dos parques industriais, quando acabar a crise as empresas não terem condições de retomar as atividades, você não só terá desemprego, você não só terá recessão, não vai ter arrecadação de impostos pelo governo também, porque as empresas vão estar, muitas delas, desestruturadas”, alerta.

“Portanto, é fundamental hoje manter o parque produtivo. Antes disso, o governo deve pagar auxílio para as pessoas se manterem, é o passo número um. Passo número dois, preservar as empresas para preservar o parque produtivo do país. E, a partir daí, sim, organizar, depois, a retomada. Então é necessário expansão da dívida do Tesouro e a expansão monetária do Banco Central”, defende Henrique Meirelles.

Ele exige que estados e municípios congelem salários e mantenham depauperadas as escolas públicas, o corpo de bombeiros, as delegacias, etc. A ordem é reduzir os serviços públicos

O ministro Paulo Guedes, com sua mentalidade toca de chicao-boy, não percebeu ainda que a casa dele caiu. Ele insiste na política de arrocho aos estados e municípios e perseguição aos servidores públicos, entre eles médicos, professores, policiais, bombeiros, etc.

Só que esta política neoliberal foi varrida do mapa em todo o mundo. Só ele e Bolsonaro insistem em se manter presos ao passado que já foi enterrado.

As dificuldades que o Brasil está tendo para diagnosticar e tratar as vítimas da pandemia da Covid-19 é só um dos resultados dessa política desastrosa de desmonte do estado.

A chantagem que o governo Bolsonaro está fazendo ao Congresso Nacional e aos estados e municípios, alardeando que o projeto de ajuda emergencial aos governadores e prefeitos seria uma “pauta bomba”, é inadmissível.

Guedes exige, para liberar algum dinheiro, que governadores congelem a folha de salários dos servidores públicos. Ou seja, nada de mais e melhor profissionais de saúde, nada de ampliação dos leitos. Tem que manter tudo como está, ou, de preferência, desmantelar tudo.

Por isso o Planalto não admite que estados tenham acesso a empréstimos para investimentos em serviços públicos. Ou seja, Guedes e Bolsonaro não se importam com as vidas das pessoas. Não se importam se morrem mil ou dez mil pessoas. Querem manter o país sem leitos de UTI, sem saneamento, sem segurança, etc.

Enquanto Bolsonaro desdenha, colapso nas UTIs se aproxima

O Brasil teve mais tempo que outros países para se preparar, mas o comportamento alucinado de Bolsonaro, negando a pandemia, brigando contra as medidas de proteção recomendadas pelo Ministério da Saúde e retardando a liberação de recursos para estados e municípios, impede que as decisões sejam tomadas na velocidade que deveriam.

O número de casos dispersa e a criação de leitos não cresce no ritmo que é necessário. Estamos nos aproximando do colapso no sistema de saúde.

No Rio de Janeiro, onde foram confirmados 2,8 mil casos até domingo (12) e já morreram 170 pessoas, a rede estadual de saúde já está com 70% dos leitos de UTI ocupados por pacientes com coronavírus.

Ao invés de se irmanar nos esforços para agilizar a montagem de leitos, apressar a preparação de pessoal, realizar exames em massa, o presidente da República cria problemas, chama a população a abandonar a quarentena e dificulta a liberação de verbas emergenciais. O projeto para aliviar estados e municípios está emperrado no Congresso por pressão de Guedes.

Em São Paulo, que está computando 588 mortes pela Covid-19 até domingo (12), as internações em UTI por causa do coronavírus crescem 2.260% desde 20 de março. Elas saltaram de 35 naquela data para mais de 820 na semana passada, segundo dados da Secretaria da Saúde.

Em Manaus, a estrutura do sistema de Saúde já chegou ao seu limite máximo. Não há mais leitos de UTI e respiradores para o atendimento dos casos graves. É uma tragédia anunciada. Não podemos perder um dia sequer na luta para equipar o sistema de saúde. Precisamos acelerar a realização

mento, sem segurança, etc.

Eles só pensam em salvar bancos. No dia 23 de março, Guedes anunciou um pacote de 1,2 trilhão de reais para melhorar a liquidez do sistema financeiro. Ninguém falou em “pauta bomba”.

A proposta em votação no Congresso prevê a liberação de R\$ 40 bilhões emergenciais e autoriza os estados a fazerem crédito, avalizado pelo Tesouro, de R\$ 50 bilhões, sem contrapartidas de arrocho. Guedes está pressionando os senadores para derrubarem esta proposta.

Ele acena com os R\$ 40 bilhões, mas não autoriza os financiamentos e ainda exige congelamento da folha de salários por dois anos.

Não está descartada ainda a edição de uma Medida Provisória (MP) com esses termos. A proposta inicial é de R\$ 32 bilhões, com folga para subir até R\$ 40 bilhões.

O presidente da Câmara, deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ) contesta os números do governo. O Planalto fala que o projeto da Câmara poderia afetar os cofres públicos em R\$ 222 bilhões, segundo cálculos do secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida. Maia diz que não passa de R\$ 90 bilhões.

O plano que leva o nome do secretário do Tesouro previa alívio financeiro imediato aos governos regionais, mas exigia contrapartidas de arrocho nas contas. O Supremo Tribunal Federal já havia aprovado a suspensão dos pagamentos de dívidas dos estados durante a pandemia.

de testes e nem pensar em relaxar a quarentena.

E como disse o ministro da Saúde, Henrique Mandetta, em entrevista ao Fantástico deste domingo (12), os números ainda não refletem a realidade do problema.

“Primeiro, nós sabemos que esses números estão subestimados. Dentro do que a gente pensava lá no início, em fevereiro, fazendo simulações com outros países, fazendo adequações pro nosso clima, mais ou menos a gente sabia que chegaria na primeira quinzena de abril a aproximadamente com esses números. Sabemos também desde o início que fizemos a projeção que a segunda quinzena de abril seria a quinzena que aumentaríamos e que o mês de maio e junho seriam os meses de maior estresse pro nosso sistema de saúde”, afirmou Mandetta.

“A gente imagina que os meses de maio e junho serão os 60 dias mais duros para as cidades. A gente tem diferentes realidades. O Brasil, a gente não pode comparar com um país pequeno, como é a Espanha, como é a Itália, a Grécia, Macedônia e até a Inglaterra. Nós somos o próprio continente. Sabemos que serão dias duros. Seja conosco ou qualquer outra pessoa”, explicou o ministro.

“Segundo o Ministério da Saúde, o Brasil tem uma oferta de 55.101 leitos de terapia intensiva, dos quais 27.445 são do SUS, mas 78% do total de leitos já estão ocupados. O Ministério quer otimizar a utilização das unidades ociosas e também pretende recorrer ao uso de leitos não ocupados da rede privada. A OMS (Organização Mundial da Saúde) recomenda a existência de 1 a 3 leitos de UTI para cada 10 mil habitantes. Hoje, o Brasil tem 2,6 leitos de UTI para cada 10 mil habitantes, mas só metade disso pertence ao SUS.”

60% dos pequenos negócios tiveram o crédito negado em bancos, diz Sebrae

Pesquisa do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), realizada entre os dias 3 e 7 de abril, aponta que 60% dos donos de pequenos negócios que buscaram crédito no sistema financeiro desde o início da crise do coronavírus tiveram o seu pedido negado. Apenas 11,3% disseram que conseguiram e 29,5% disseram que estão aguardando resposta.

Os dados apresentados pela Sebrae são da pesquisa, “O impacto da pandemia do coronavírus nos pequenos negócios”, que ouviu 6.080 empreendedores de todo o país.

Apesar das medidas anunciadas nas últimas semanas pelo governo federal – que para muitos economistas são insuficientes para evitar que a economia do país entre em colapso – os bancos aumentaram a taxa de juros para todas as linhas de crédito e estão impondo dificuldades e exigências às empresas que buscam linhas de créditos de empresa de grande, médio e pequeno porte, segundo relatos de empresários e diferentes setores.

De acordo com a pesquisa

do Sebrae, cerca de 55% dos entrevistados afirmam que precisam de empréstimos para manter seu negócio em funcionamento sem gerar demissões.

Além da dificuldade de acesso a crédito, os pequenos negócios também declararam que enfrentam queda no faturamento. Segundo a pesquisa, quase 88% dos empresários ouviram seu faturamento cair 75% em média e a estimativa é que as empresas consigam permanecer fechadas e ainda assim ter dinheiro para pagar as contas apenas por mais 23 dias.

A pesquisa demonstra também que a situação financeira das empresas já não era considerada boa pela maioria dos pequenos negócios. 73% disseram que era razoável ou ruim a situação financeira antes mesmo antes da chegada da pandemia.

O estudo mostrou ainda que mais de 62% dos negócios interromperam temporariamente as atividades ou fecharam as portas definitivamente.

Entre os 38% que continuam abertos, a maioria mudou o seu funcionamento, passan-

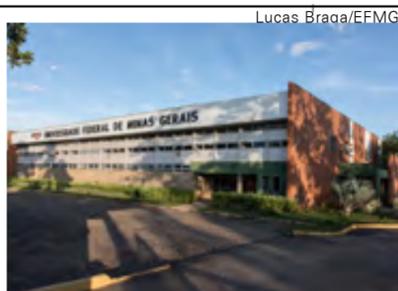
do a fazer apenas entregas, atuando exclusivamente no ambiente virtual ou adotando horário reduzido.

Nos últimos 15 dias, cerca de 18% dos empresários entrevistados demitiram funcionários.

Nos próximos três meses, o Sebrae vai destinar pelo menos 50% da sua arrecadação, para ampliar o crédito aos pequenos negócios. A operação de socorro deve começar com R\$ 1 bilhão em garantias, o que viabilizará a alavancagem de aproximadamente R\$ 12 bilhões em crédito para pequenos negócios.

“Um dos maiores obstáculos no acesso dos pequenos negócios ao crédito é a exigência de garantias feita pelas instituições financeiras. Nesse sentido, o Fome funciona como um salvo-conduto, que vai permitir aos pequenos negócios, incluindo até o microempreendedor individual, obterem os recursos para capital de giro, tão necessários para atravessarem a crise provocada pela pandemia do Coronavírus, mantendo os negócios e os empregos”, disse Carlos Melles, presidente do Sebrae.

Bolsonaro e Guedes expõem o povo ao vírus e sabotam 'ajuda'



Lucas Braga/EFMG

Um dos campus da universidade Distanciamento vertical é tão ruim quanto não ter nenhum, afirma a UFMG em relatório

Um estudo do Grupo de Trabalho (GT) Covid-19 da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), divulgado na quinta-feira (9), conclui que a quarentena vertical, limitada só a grupos de risco, é ineficaz para combater o contágio do coronavírus.

O relatório dos especialistas da UFMG toma como base simulações numéricas, que consideram cenários com diferentes políticas e graus de convívio da população para se proteger do novo coronavírus.

“O cenário de isolamento vertical é apenas marginalmente melhor do que o cenário em que não há nenhum isolamento, e muito pior do que o cenário de isolamento horizontal, que abrange toda a população”, afirma o professor Luiz Henrique Duczmal, do Departamento de Estatística.

De acordo com o professor, as simulações mostraram que o retiro vertical, com redução de 15 vezes no contato social, provocaria, rapidamente, a infecção de cerca de 200 mil pessoas com mais de 60 anos em Belo Horizonte, gerando enorme demanda por internação hospitalar imediata, sem que existam leitos suficientes na cidade.

Bolsonaro tem defendido que somente os grupos de risco, como idosos, fiquem em quarentena. O chamado “isolamento social” vertical.

Duczmal avalia que a quarentena horizontal, se aplicado com a mesma intensidade em todos os grupos etários, reduz drasticamente o número de infectados, achatando a curva de crescimento da doença.

“O isolamento horizontal fará com que a epidemia só se manifeste, e de maneira bastante reduzida, após 16 meses de seu início, desafogando a rede hospitalar e possibilitando a emergência, em tempo hábil, de soluções como a vacinação e novos medicamentos”, analisa o professor.

“Na epidemia de COVID-19 no Brasil tem se propagado a ideia de que o isolamento social vertical, ao restringir o contato social com pessoas idosas, seria suficiente para conter o avanço da doença. Essa noção se baseia na premissa de que pessoas com menos de 60 anos sofreriam apenas sintomas leves, e poderiam sair de casa normalmente para trabalhar e estudar durante a epidemia. No entanto, temos observado um elevado número de internações, com casos graves e mortes também de pessoas com menos de 60 anos e sem doenças de base. Ainda mais grave é o fato de que o isolamento social não é via de regra 100% rigoroso, e pessoas idosas tendem a fazer contatos sociais durante o período, aumentando a probabilidade de contrair a doença, pois mesmo uma pessoa assintomática é capaz de transmitir o coronavírus”, diz o estudo.

“Se não houver leitos suficientes para atender a todos, muitas pessoas podem morrer simplesmente por falta de atendimento. Além disso, o adiamento do pico de casos seria potencialmente benéfico para que os gestores de saúde pudessem estar melhor preparados e os pesquisadores encontrassem tratamentos mais eficientes. Portanto, se o isolamento social puder reduzir o pico de casos de pessoas infectadas, e ao mesmo tempo adiando sua ocorrência, muitas vidas poderão ser salvas”, observa o estudo.

Duczmal é o primeiro autor do relatório técnico “Isolamento social vertical é ineficaz para conter a pandemia”, disponível no site do Departamento de Estatística da universidade.

A análise foi feita para o município de Belo Horizonte, mas o estatístico assegura que conclusões similares são válidas para outras cidades.

Também assinam o documento os professores Max Sousa de Lima e Ivair Ramos Silva, do mesmo departamento; Denise Bulgarelli Duczmal, do Departamento de Matemática, e Claudia Lindgren, do Departamento de Pediatria da UFMG, além de Alexandre Almeida, da Universidade Federal de São João del-Rei, e Flávia Costa Oliveira Magalhães, da Diretoria de Perícias Médicas da Polícia Civil de Minas Gerais.



Reprodução

Antes de cumprimentar uma seguidora, uma esfregada no braço de leve Mundo inteiro condena desatinos de Bolsonaro na pandemia de Covid-19

Veja as manchetes dos principais jornais do planeta criticando a política genocida do presidente

O comportamento irresponsável de Jair Bolsonaro, insistindo em pôr fim às medidas de proteção da população brasileira contra o coronavírus, está chocando o mundo. Além de defender a suspensão da quarentena, Bolsonaro promove aglomerações nas ruas e chama a população a abandonar suas casas.

Suas atitudes desrespeitam as orientações do próprio Ministério da Saúde do país e da Organização Mundial da Saúde.

Os médicos, cientistas e pesquisadores do mundo todo consideram que a única forma de conter o surto e reduzir o número de mortos é com o distanciamento social e os cuidados de higiene. Bolsonaro e um grupo de lunáticos defendem que a população se infecte logo com o vírus, mesmo que isso signifique o colapso dos sistemas de saúde, como ocorreu na Itália e na Espanha, e, em parte nos EUA, elevando em muito o número de mortos.

Um dos últimos países da Europa que ainda praticavam a loucura que Bolsonaro defende, isto é, expor a população do país ao contágio geral com o coronavírus, a Suécia, viu explodir o número de mortos nos últimos dias. No dia 10 de abril, a Suécia chegou a 86 fatalidades por cada milhão de integrantes de sua população, enquanto que a Finlândia tinha 9, Noruega 20, Dinamarca

43 (os Estados Unidos têm 47 e a Rússia 0,5 fatalidades por Covid-19 a cada milhão).

Como o mundo vê Bolsonaro:

The Guardian (Inglaterra)

“Jair Bolsonaro diz que crise de coronavírus é um truque da mídia”

The Economist

“Bolsonero: Presidente do Brasil ‘loca arpa’ enquanto a pandemia cresce”

Wall Street Journal

“Volte ao trabalho”: Bolsonaro descarta riscos mortais do coronavírus no Brasil

Forbes

“Em Coronavírus versus Brasil, Bolsonaro fica quase sozinho”

BBC

“Enquanto o mundo tenta combater a pandemia, Bolsonaro faz possível para desacreditá-la”

New York Times

“Bolsonaro, é o único ‘grande’ líder mundial que continua questionando os méritos das medidas de bloqueio”

Washington Post

“Bolsonaro é o líder negacionista mundial do coronavírus”

El País (Espanha)

“A atitude imprudente e irresponsável do líder do maior país da América do Sul ameaça causar inúmeras mortes”

Business Insider (EUA)

“O presidente Bolsonaro sugeriu que seu povo é naturalmente imune ao coronavírus, alegando que eles podem nadar no esgoto e ‘nada acontece’”

The Japan Times

“Bolsonaro joga com a vida e a morte em meio a pandemia”

Daily Herald

“Facebook se une resistência contra as alegações de Bolsonaro sobre o vírus”

Jacobin Magazine

“Numa pandemia, Bolsonaro é mais perigoso do que nunca”

TIME

“O presidente do Brasil ainda insiste que o coronavírus é um exagero. Governadores revidam

para todas as pessoas”, continuou.

“Apesar de todos os esforços que nós estamos fazendo para que as pessoas fiquem em casa e só saiam para realizar atividades estritamente necessárias”, Bolsonaro estar contra a quarentena

“tem dificultado muito, porque sabemos que, em todos os países, a União, o ente federativo maior, tem que ajudar os estados, e aqui no Brasil não tem sido dessa forma”.

O governador do Rio, que é ex-juiz, acredita que Bolsonaro “está na contramão da história do que nós estamos vivendo”.

Integra do texto em www.horadopovo.com.br

Witzel adverte Bolsonaro: “atrapalhar a quarentena é crime de responsabilidade”

O governador do Rio de Janeiro, Wilson Witzel (PSC), assinalou que Bolsonaro interferir “na administração dos estados” para atrapalhar a contenção do coronavírus pode “caracterizar um crime de responsabilidade”, que acarretaria em um impeachment.

No sábado (11), Jair Bolsonaro defendeu a “volta à normalidade”. Ele publicou vídeo de um discurso no qual defendeu que as pessoas devem ignorar as orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde e voltarem a circular pela cidade para trabalhar.

“É preciso que o presidente tenha uma noção clara de que aquilo que ele fala pode ter repercussões políticas para ele e, eventualmente, caracterizar um crime de responsabilidade. Isso se o que ele fala se transformar em ações”, disse Witzel.

“Nós estamos preocupados em salvar vidas. O problema da economia nós vamos resolver depois”, afirmou.

“Há uma diferença de tratamento entre aquilo que pensam o ministro da Saúde [Luiz Henrique Mandetta] e o presidente da República, e isso pode estar incentivando as pessoas a irem às ruas, o que para nós é muito preocupante, porque não temos testes suficientes

para todas as pessoas”, continuou.

“Apesar de todos os esforços que nós estamos fazendo para que as pessoas fiquem em casa e só saiam para realizar atividades estritamente necessárias”, Bolsonaro estar contra a quarentena

“tem dificultado muito, porque sabemos que, em todos os países, a União, o ente federativo maior, tem que ajudar os estados, e aqui no Brasil não tem sido dessa forma”.

O governador do Rio, que é ex-juiz, acredita que Bolsonaro “está na contramão da história do que nós estamos vivendo”.

Integra do texto em www.horadopovo.com.br

Exigências absurdas para soltar os recursos para os mais necessitados são criminosas

O jogo que o governo Federal vem fazendo durante a pandemia do coronavírus é criminoso. De um lado Paulo Guedes, ministro da Economia, segura o quanto pode os recursos emergenciais liberados pelo Congresso para que a população possa se proteger fazendo a quarentena, enquanto, por outro lado, Jair Bolsonaro ataca todos os dias essas medidas de proteção da população, entre elas o distanciamento social.

Ao mesmo tempo em que garante - a jato - a “injeção de liquidez” de R\$ 1,2 trilhão aos bancos, o governo faz exigências absurdas para liberar os recursos emergenciais a estados e municípios.

Só para se ter uma ideia do tamanho da sabotagem de Bolsonaro e Guedes, dos cerca de 28,8 milhões de famílias inscritas no cadastro único do governo, que corresponde a 76 milhões de pessoas, fora os cerca de 30 milhões que não estão no cadastro único, e que têm que ser socorridas imediatamente, apenas 2,5 milhões de pessoas receberam até agora - depois de quase um mês - a ajuda “emergencial” de R\$ 600 aprovada.

Esses recursos são urgentes porque as pessoas precisam comer enquanto permanecem em casa para se proteger e proteger as suas famílias. Não é admissível que se continue a praticar esse ritmo criminoso de liberação desses recursos.

A liberação a conta-gotas, por parte de Guedes, do dinheiro que já foi aprovado e que é emergencial para que as pessoas possam fazer a quarentena, visa forçar as pessoas a saírem de casa e expor as famílias ao risco de morte pelo vírus.

Enquanto Guedes faz isso, Bolsonaro, por sua vez, estimula pessoalmente as pessoas a saírem de casa e se exporem aos riscos de se infectar e também infectar seus entes queridos.

Ele faz isso promovendo aglomerações criminosas e ainda usa seus vídeos e postagens para atacar os governadores e as autoridades sanitárias que implantaram o distanciamento social no combate à epidemia. Essa atitude irresponsável está sendo condenada pela população, que se manifesta frequentemente em grandes painéis, e também pela imprensa do mundo todo.

Outra forma do governo sabotar a quarentena e o distanciamento social, recomendados pelos médicos, pela ciência e pela Organização Mundial da Saúde (OMS), é a exigência absurda de regulamentação de documentos para que as pessoas possam receber os recursos emergenciais.

Com essa medida, eles colocam em risco a vida das pessoas que são obrigadas a entrar em filas quilométricas para regularizar seus documentos. Ou seja, o governo criou uma verdadeira maratona para as pessoas pobres que precisam do dinheiro.

Elas estão sendo obrigadas a se aglomerarem para cumprir exigências absurdas do governo num momento grave como este. Por coincidência, são exatamente as aglomerações de pessoas nas ruas que estão agradando Bolsonaro.

Outra demonstração da sabotagem do governo ao combate à pandemia está na pressão que o governo está fazendo contra o Congresso para que a ajuda emergencial aos estados e municípios seja condicionada às contrapartidas absurdas.

O dinheiro, que é necessário para o enfrentamento urgente da crise, está demorando a sair porque Bolsonaro e Guedes insistem em exigir congelamento

da folha de salários de servidores públicos, entre eles médicos, enfermeiros, policiais, etc, exatamente aqueles servidores que estão à frente da batalha contra o vírus.

Bolsonaro e Guedes insistem em continuar desmontando os serviços públicos. Um desmonte que já vem de décadas e que agora, na pandemia da Covid-19, a população se viu diante da ausência de hospitais, de leitos de UTI, de profissionais, de insumos, de respiradores, de máscaras, etc. O “estado mínimo” dos privatistas cobrou seu preço nesta tragédia nacional e mundial.

Ao sabotar o combate à Covid-19, Bolsonaro desrespeita frontalmente as orientações do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS) e está na contramão de praticamente todos os países do mundo.

Faz isso com base em opiniões anticientíficas que desdenham a epidemia. O mundo inteiro está convencido de que as atitudes irresponsáveis de Bolsonaro estão colocando em risco a vida de milhões de brasileiros. Bolsonaro está sendo chamado pela imprensa mundial de “BolsoNero”, numa referência ao imperador que ateou fogo em Roma.

Uma das figuras mais sinistras que influenciam o governo nestas atitudes insanas e obscuras é Osmar Terra, ex-ministro, recentemente demitido por Bolsonaro, mas que virou seu consultor em assuntos médicos.

Para Terra, não há o menor problema se a população for rapidamente infectada e o sistema público de saúde entrar em colapso. Não importa se dezenas de milhares de mortes, que podem ser evitadas com o isolamento, ocorrerem. Com mais de 1.300 mortos, ele repete Bolsonaro e insiste que “essa pandemia não é o apocalipse como estão prevendo”.

Terra defende o absurdo de que a população deve se infectar amplamente “como acontece em todas as epidemias virais”.

“Estão promovendo esse sofrimento todo para nada”, diz ele. “As lojas estão fechadas o país vai quebrar por nada. Os pobres devem se preocupar com comida e não em morrer. A grande maioria da população será infectada”, sentencia Terra, sem basear suas palavras em nenhum dado científico.

“A curva de infecção no Brasil já está chegando no pico, talvez já tenha chegado”, prossegue o deputado, sem se preocupar em provar nada do que está dizendo. “A quarentena não adiantou nada. As pessoas vão morrer de qualquer jeito como em qualquer epidemia”, acrescenta o deputado bolsonarista, não por acaso, apelidado de Osmar “Terra plana”.

“Ele (vírus) se propaga através dos portadores assintomáticos. Quase 99% dos portadores do vírus não vão ter sintomas”, afirmou o parlamentar, repetindo o desdém de Bolsonaro diante dos mais de 1.300 brasileiros mortos.

Ele disse, também, que as medidas de quarentena não resolveram o problema de proliferação. O deputado defende a chamada “imunização de rebanho” ou “imunização de manada”, que foi rechaçada no mundo todo.

A ideia é deixar a população se infectar para que sobrevivem os mais fortes, independente do caos que isso venha a produzir no sistema de saúde. Esse tipo de irresponsabilidade, cada vez mais isolada no mundo e no Brasil, se fosse levada à prática, levaria à morte dezenas e até centenas de milhares de pessoas.

SÉRGIO CRUZ

Prefeito que imitou Bolsonaro e era contra a quarentena é internado com coronavírus

O Prefeito de Duque de Caxias, no RJ, Washington Reis, que no fim de março publicou vídeo defendendo a decisão de Bolsonaro de manter abertos os templos e permitir aglomeração de pessoas, foi internado no sábado com sintomas da Covid-19. O prefeito foi internado na semi-intensiva do Hospital Pró-Cardíaco, em Botafogo, na Zona Sul da capital, onde já realizou o exames.

No vídeo, Washington Reis defendia que as igrejas permanecessem abertas. Naquela época, um decreto do governador Wilson Witzel (PSC) suspendia eventos com aglomerações e, segundo a assessoria de imprensa do estado, com efeito também em templos. Na mesma época, Bolsonaro baixou decreto abrindo igrejas e lotéricas.

“Nossa orientação desde a primeira hora foi manter as igrejas abertas porque a cura virá de lá, né? Dos pés do Senhor. Vamos, se Deus quiser, orar. Agora mesmo estou indo para o monte, daqui a pouco. Estamos buscando...”

Duque de Caxias tem uma proteção de Deus para que escape dessa epidemia que vem ceifando milhares de vidas pelo mundo afora”, disse o prefeito no fim do mês passado.

“Nós estamos preocupados em salvar vidas. O problema da economia nós vamos resolver depois”, afirmou.

“Há uma diferença de tratamento entre aquilo que pensam o ministro da Saúde [Luiz Henrique Mandetta] e o presidente da República, e isso pode estar incentivando as pessoas a irem às ruas, o que para nós é muito preocupante, porque não temos testes suficientes

para todas as pessoas”, continuou.

“Apesar de todos os esforços que nós estamos fazendo para que as pessoas fiquem em casa e só saiam para realizar atividades estritamente necessárias”, Bolsonaro estar contra a quarentena

“tem dificultado muito, porque sabemos que, em todos os países, a União, o ente federativo maior, tem que ajudar os estados, e aqui no Brasil não tem sido dessa forma”.

“Sr presidente, é revoltante te ver na televisão falando mentiras”, diz filho de vítima da Covid-19

“Suas condolências são falsas, eu não as aceito. Guarde-as para quando algum dos seus queridos falecer”, disse Adipe Neto

Adipe Neto, dono de uma empresa de festas em São Paulo, transformou a perda de seu pai, Adipe Miguel Júnior, vítima da Covid-19, em desabafo e denúncia contra Bolsonaro. Ele manifestou perplexidade com o comportamento do presidente Jair Bolsonaro em relação à pandemia e criticou a cobertura feita pela mídia.

Adipe chorou de público a dor pelas circunstâncias que envolveram a morte do pai. “Não pude velar nem pude ver o corpo dele, o que me ofereceram foi um saco preto lacrado com nome dele em cima”, relatou no texto, publicado no sábado (10).

“Senhor presidente, suas condolências são falsas, e eu não as aceito, guarde-as para quando algum dos seus queridos falecer. É revoltante te ver na televisão falando mentiras, deveríamos te tirar de onde você está pelo simples fato de contar mentiras. Desejo

que os mortos e fantasmas dessa pandemia te assombrem pela eternidade”.

Adipe também alerta para a frieza com que a imprensa está tratando a pandemia: “Os jornais deveriam parar de contabilizar os casos e mostrar rostos. Deveriam ter rostos nas capas de jornais e nas bancas de revistas diariamente e não números”.

Leia o texto de Adipe na integra em www.horadopovo.com.br

Bolsonaro é vaiado ao desfilar por Brasília: “Vai pra casa”, “assassino”

Na quinta-feira (9), Jair Bolsonaro voltou a passear por Brasília durante a pandemia de coronavírus.

Cercado de segurança, o presidente foi para uma padaria na Asa Norte.

O chefe do Executivo, que se nega a seguir as determinações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e incentiva o desrespeito à quarentena, foi alvo de vaias, gritos e painéis. Gritos de “assassino”, “fora

Bolsonaro”, “pilantra safado” e vaias foram ouvidos.

No dia 29 de março, Bolsonaro já havia ido para um comércio com grande movimento em Ceilândia, no Distrito Federal.

Ele tem desrespeitado, reiteradamente, os pedidos da Organização Mundial da Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde de se evitar aglomerações. Somente no Distrito Federal, já são 527 pessoas infectadas com Covid-19 e 13 mortes.

CNBB, OAB, ABI e SBPC propõem um 'pacto dos lúcidos' pela vida

Não deixaremos que nos roubem a esperança de um futuro melhor, destacam as entidades no documento que foi assinado por outras 80 organizações brasileiras

O **"Pacto pela Vida e pelo Brasil"**, lançado pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil, Ordem dos Advogados do Brasil, Comissão Arns, Academia Brasileira de Ciências, Associação Brasileira de Imprensa e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência convoca cidadãos, governos e poderes da República a formar uma ampla aliança para enfrentar a grave crise sanitária, econômica, social e política em decorrência da pandemia de coronavírus.

"O momento que estamos enfrentando clama pela união de toda a sociedade brasileira, para a qual nos dirigimos aqui. O desafio é imenso: a humanidade está sendo colocada à prova. A vida humana está em risco", alertam.

As entidades que assinam o Pacto apontam que "é hora de entrar em cena no Brasil o coro dos lúcidos, fazendo valer a opção por escolhas científicas, políticas e modelos sociais que coloquem o mundo e a nossa sociedade em um tempo, de fato, novo".

O "Pacto pela Vida e pelo Brasil" foi lançado neste 07 de abril - Dia Mundial da Saúde e já conta com o apoio de mais de 80 entidades (ver lista abaixo). Ele foi entregue para diversas autoridades brasileiras como o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia; o presidente do Senado Federal, David Alcolumbre; Dias Toffoli, presidente do Supremo Tribunal Federal - STF e, também, para governadores.

De acordo com as entidades, o momento exige de todos, mas principalmente, de governantes e representantes do povo, "o exercício de uma cidadania guiada pelos princípios da solidariedade e da dignidade humana, assentada no diálogo maduro, responsável, na busca de soluções conjuntas para o bem comum, particularmente dos mais po-

bres e vulneráveis".

QUARENTENA

O manifesto defende o isolamento social, indicado no documento como "único meio de desacelerar a transmissão do vírus e seu contágio, preservando a capacidade de ação dos sistemas de saúde e dando tempo para a implementação de políticas públicas de proteção social".

No documento, as entidades pedem o repúdio aos discursos que desacreditam a eficácia do distanciamento social e arrisquem a saúde e sobrevivência do povo brasileiro.

"Em contrapartida, devemos apoiar e seguir as orientações dos organismos nacionais de saúde, como o Ministério da Saúde, e dos internacionais, a começar pela Organização Mundial de Saúde - OMS", diz o texto.

DEMOCRACIA

"É urgente a formação deste Pacto pela Vida e pelo Brasil. Que ele seja abraçado por toda a sociedade brasileira em sua diversidade, sua criatividade e sua potência vital. E que ele fortaleça a nossa democracia, mantendo-nos irredutivelmente unidos. Não deixaremos que nos roubem a esperança de um futuro melhor".

Assinam o texto, representando as respectivas entidades seus presidentes, Dom Walmor Oliveira de Azevedo, da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB; Felipe Santa Cruz, da Ordem dos Advogados do Brasil - OAB; José Carlos Dias, da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos Dom Paulo Evaristo Arns - Comissão Arns; Luiz Davidovich, da Academia Brasileira de Ciências - ABC; Paulo Jeronimo de Sousa, da Associação Brasileira de Imprensa - ABI e Ildeu de Castro Moreira, da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC.

Pacto pela vida e pelo Brasil



Declarações de Bolsonaro "desinformam e provocam cisão", diz o presidente da CNBB

O presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Walmor Oliveira de Azevedo, considerou preocupante o comportamento do presidente Jair Bolsonaro na crise do coronavírus e diz que a instabilidade política prejudica a resposta do país à pandemia.

"Declarações polêmicas, dissidentes de perspectivas balizadas pela ciência, por instâncias reconhecidamente competentes na defesa da saúde, não ajudam, pois, além de desinformar, provocam cisões onde deveria haver união", criticou Dom Walmor.

Em entrevista à Folha de São Paulo, Dom Walmor disse ser "preocupante" o comportamento do presidente em meio à pandemia, como fazer passeios e jejum. "É preocupante, pois estão na contramão das recomendações científicas, vindas do próprio Ministério da Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS) e de outras

instâncias embasadas na pesquisa", afirmou.

Para Dom Walmor, que é arcebispo metropolitano de Belo Horizonte, a sociedade civil tem o dever de advertir e orientar o governo, e isso não deve ser visto como posicionamento político-partidário.

O bispo destaca que a desinformação e as fake news são "itinerário para a morte", algo que se torna ainda mais evidente na pandemia.

"Na chamada sociedade da informação, as fake news são itinerário para a morte. Veja o exemplo desta pandemia. As falsas notícias que relativizam a gravidade da situação induzem pessoas a não se precaver e, com isso, estarem mais vulneráveis ao cona, o bispo destacou a im-

portância da ciência neste momento de crise. "Jesus Cristo é a verdade, palavra de Deus. Quem se dedica à mentira se opõe a Jesus. Nesse sentido, a relação da igreja com as entidades científicas é de respeito e colaboração. A ciência é dom de Deus para a humanidade".



Apreensão de madeira ilegal no Pará

Desmatamento na Amazônia aumenta 51% no 1º trimestre

Durante os três primeiros meses de 2020, o desmatamento na Amazônia teve um aumento de 51% e bateu o recorde do período.

De acordo com os alertas do sistema Deter, do Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), o desmatamento alcançou 7496 km² da Amazônia Legal entre janeiro e março, o número também significa um recorde para o período nos últimos cinco anos, desde que o Deter passou a usar a metodologia atual.

Devido a época marcada pelas chuvas na região amazônica, o primeiro trimestre geralmente tem números mais baixos de desmatamento do que o restante do ano. O Mato Grosso teve a maior área desmatada neste ano, 267 km², sendo 55km a mais do que no início do ano passado. A alta deste trimestre foi puxada pelo Pará, com 257 km² de desmatamento neste trimestre, alta de 242% em relação ao início de 2019, que registrava 75 km².

Somente no mês de março, o desmatamento na floresta Amazônica cresceram 29,9%, comparado ao mesmo mês do ano passado. Foram emitidos alertas para 326,51 km² em 2020, enquanto no ano anterior, no mesmo período, foram 251,3 km².

Os desmatadores não param e se aproveitaram da recomendação de isolamento social devido à pandemia do novo coronavírus para ampliar sua ação. A quarentena contra a Covid-19 não encontra adesão nas regiões mais remotas do país, segundo Paulo Barreto, pesquisador do Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (Imazon).

De acordo com Barreto, a tendência de aumento ocorre desde o ano passado. "Houve uma redução de fiscalização e aumento do discurso político contra a proteção ambiental. Além disso, em dezembro de 2019, foi editada Medida Provisória (910/2019) que dá mais benefícios para invasores de terras públicas (grilagem). Assim, expectativa de desmatar e lucrar aumenta e estimula o desmatamento. A política de isolamento não chega necessariamente nas áreas rurais e especialmente nas regiões mais distantes dos grandes centros", afirma o pesquisador.

"Resposta é positiva e isolamento em SP sobe para 59%", informa João Doria

O governador de São Paulo, João Doria, anunciou nesta segunda-feira (13), que o isolamento social por conta do novo coronavírus no estado de São Paulo cresceu de 47% para 59% entre a última quinta-feira, 9, e esta manhã.

Os dados são do Sistema de Monitoramento Inteligente (SIMI-SP), que começou a fazer o monitoramento na última semana.

Na avaliação do governo, para que o sistema de saúde dê conta de atender os pacientes que serão infectados pela covid-19, é preciso que 70% da população fique em casa.

"Quanto melhor e maior for o isolamento, mais rapidamente sairemos dessa crise e voltaremos ao normal", informou Doria em entrevista coletiva.

O governador defendeu a quarentena e mais uma vez criticou a postura de Bolsonaro. "Não estou preocupado com ataques de pessoas que tem um sentido e um espírito político. A eles, o meu distanciamento. Prefiro ficar com a medicina a saúde. Os médicos indicam que o procedimento correto é o isolamento social".

A central de inteligência foi viabilizada por meio de um acordo com as operadoras de



"Quanto maior for o isolamento, mais rapidamente sairemos dessa crise", destacou o governador paulista

telefonia Vivo, Claro, Oi e TIM, que autorizaram os Estados a consultar informações agregadas sobre deslocamento nos 645 municípios paulistas.

O governo de SP informou que o sistema indica tendências de deslocamento e portanto mostra o nível de aderência das medidas de isolamento social.

Para reforçar a adesão da população, 200 agentes da vigilância sanitária do estado junto da Polícia Militar passarão a fazer uma orientação educativa sobre a doença e a importância da quarentena em estabelecimentos comerciais não essenciais que continuam abertos.

O governo também apresentou uma nova campanha, que será veiculada a partir de hoje em televi-

são, rádio e internet, com a mensagem de que "ficar em casa é uma prova de amor".

Contratação na área da saúde

Doria determinou a contratação de 1185 profissionais de saúde para atuarem nos 645 municípios do estado.

Segundo ele, 260 profissionais serão convocados de concursos públicos anteriores e começam a trabalhar no dia 22 de abril, e 925 contratações serão feitas pelo período de 12 meses, com início das atividades no dia 1º de maio.

Ainda de acordo com o governo, serão 245 médicos, 630 técnicos de enfermagem, 20 técnicos de saúde para assistência social e 30 oficiais de saúde.



Impacto da epidemia começa a ser sentido nas periferias

Brasil já registrou 1.328 mortes e outros 23.430 casos confirmados de coronavírus, afirma ministério

De acordo com informações do Ministério da Saúde divulgadas no final da tarde desta segunda-feira (13), 105 novas mortes provocadas pelo coronavírus e 1.261 novos casos foram confirmados nas últimas 24 horas. O total de número de casos no país é de 23.430, chegando a 1.328 mortes.

Levando em conta a atual conjuntura mundial da pandemia e pelo tamanho da população brasileira, o número real pode ser muito maior, já que não há testes disponíveis para todas as pessoas.

Segundo a projeção do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, os registros oficiais de Covid-19 no Brasil representam apenas 8% do número real de casos. Os índices verdadeiros seriam até 12 vezes superiores ao divulgado pelo Ministério da Saúde e poderiam já estar beirando os 300 mil.

O Estado de São Paulo continua sendo o mais afetado, com 8.895 casos e 608 mortes, seguido por Rio de Janeiro (3.231 e 188 óbitos), Ceará (1.800 e 91) e Amazonas (1.275 e 71). Esses Estados têm sido diariamente alertados sobre o crescimento dos casos e os riscos de flexibilização da quarentena.

As autoridades da Organiza-

ção Mundial da Saúde (OMS) pediram que países intencionados em afrouxar o isolamento social o façam de maneira lenta e cuidadosa. A instituição listou critérios que os países devem seguir ao adotar essa medida, sob o risco de verem a pandemia do novo coronavírus avançar novamente.

A OMS alertou que o coronavírus é dez vezes mais mortal que o vírus responsável pela gripe H1N1 e que se propaga mais rápido. No Brasil, apesar dos números oficiais, é consenso de que há uma grande subnotificação de casos de Covid-19, ou seja, de vítimas fatais e casos de contaminação que não são atrelados à doença. Isso se deve à falta de testes e à demora para análise dos exames coletados.

O número de registros de mortes por insuficiência respiratória e pneumonia no Brasil teve um aumento em março, contrariando tendência de queda que vinha sendo observada nos meses de janeiro e fevereiro. c

Foram 2.239 mortes a mais em março de 2020 do que no mesmo período de 2019, o que levanta a suspeita de que vítimas do coronavírus podem estar entrando nas estatísticas de outras doenças respiratórias.

Movimento "Não Demita" ganha adesão de quatro mil empresários

Em dez dias, o Movimento Não Demita que estimula esforços dos empresários para manter empregos, recebeu apoio e assinaturas de milhares pequenas e grandes empresas no Brasil.

O "Não Demita" começou como um manifesto assinado por um grupo de 41 empresas e que se transformou em um movimento com mais de 4 mil adesões. No total, esses empresários são responsáveis por um total de 1,5 milhão de empregos diretos no Brasil. Entre as idealizadoras da

iniciativa há grandes empresas como Magazine Luiza, Anima Educação, Natura, Vivo, JBS, Porto Seguro, Dona Benta, Camil, Santander, Microsoft, entre outras. "Desde as primeiras ligações que eu fiz para CEOs de empresa, todos foram unânimes e disseram que não iam demitir".

Para o empresário Daniel Castanho, presidente do conselho e um dos fundadores do grupo Anima Educação, as empresas e governantes que adotarem um pensamento "mesquinho" durante a crise

deixarão de existir em um futuro próximo, no mundo pós-pandemia do coronavírus.

Castanho angariou discretamente o apoio de empresários para o que se transformou em um manifesto: o "Não Demita!". Nele, a princípio mais de 4 mil empresas signatárias firmaram o compromisso de que não demitirão nenhum funcionário até o final de maio. "Nossa maior responsabilidade, agora, é manter nosso quadro de funcionários", diz o manifesto.



Acabou Chorare: Morre o cantor Moraes Moreira

A música brasileira amanheceu em luto. O cantor e compositor Moraes Moreira morreu durante a madrugada desta segunda-feira (13) aos 72 anos no Rio de Janeiro. A causa da morte ainda não é conhecida.

O corpo de Moraes Moreira foi encontrado nesta manhã no apartamento em que ele morava. O artista vivia sozinho, segundo o irmão.

No dia 17 de março, ele escreveu seu último post no Instagram, com um cordel sobre a quarentena.

Antonio Carlos Moraes Pires nasceu em Ituaçu, no interior da Bahia, em 8 de julho de 1947. Ele se projetou na carreira com o grupo Novos Baianos, ao lado de Baby do Brasil, Pepeu Gomes, Paulinho Boca de Cantor e Luiz Galvão, poeta com quem escreveu os sucessos Pretinha e Mistério do Planeta.

Em 1975, Moraes Moreira decide sair dos Novos Baianos. Ele começou uma parceria com o guitarrista Armandinho. Em 1976, ele se tornou o primeiro cantor de trio elétrico, ao subir no trio de Dodô e Osmar, e cantou a música "Pombo correio", sucesso na época.

Em 1979, ele lançou o disco "Lá Vem o Brasil Descendo a Ladeira", que incluía a música "Santa fé", trilha de abertura da novela "Roque Santeiro". A novela tinha sido censurada em 1975 pela ditadura militar, e seria exibida só dez anos depois.

Em 2012, ele viajou pelo Brasil em uma turnê com seu filho, o músico Davi Moraes, e comemorou os 40 anos de "Acabou chorare". No ano passado, ele estreou o show Elogio à Inveja, com músicas de outros autores.

Programa exclui CPF irregular e leva multidão às filas da Receita



Aglomerado em fila na sede da Receita Federal no centro de Fortaleza

Para centrais sindicais, governo não garante os salários e manipula FGTS do trabalhador

O governo federal publicou, na terça-feira (7), Medida Provisória liberando o trabalhador de sacar de seu saldo do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) um valor até R\$ 1.045 (um salário mínimo), entre 15 de junho e 31 de dezembro deste ano.

O governo diz que liberação faz parte do pacote de medidas para amenizar os efeitos negativos sobre a economia, afetada pela pandemia da Covid-19. A medida, no entanto, em nada tem de dinheiro novo, de revisão de prioridades ou remanejamento. Trata-se de dinheiro do próprio trabalhador que estará adiantado por ele, reduzindo assim ainda o saldo de sua conta em caso de demissão.

“Nós consideramos a medida um desrespeito a milhões de seres humanos que estão abaixo da linha da pobreza. O governo prefere utilizar os recursos dos trabalhadores que estão presos no FGTS, que é pouco diante das necessidades, passa R\$ 1 trilhão para os bancos, não garante os salários de quem está afastado, e

retarda o pagamento do auxílio emergencial. Em nada resolve o problema das pessoas”, declarou o presidente da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), Ubiraci Dantas.

A Medida Provisória (946/20) também incorpora ao FGTS o patrimônio do Fundo PIS-Pasep, extinguindo o Fundo, que recebeu depósitos até 1988. A transferência não afetará as contas individuais dos participantes do fundo, e as contas migradas para o FGTS permanecerão disponíveis para saque a qualquer momento pelo período de 5 anos.

Para Adilson Araújo, presidente da Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), “a extinção do PIS-PASEP é uma medida que não ataca o centro do problema econômico e social, agravado agora pela crise do Covid-19”.

“É preciso em primeiro lugar proteger a vida e a saúde, garantindo aos trabalhadores e trabalhadoras segurança sanitária nos locais de trabalho, afastamento remunerado

em situações de risco e a manutenção dos empregos e dos salários, assim como uma renda mínima para informais, desempregados, desalentados e necessitados em geral”.

Para Adilson, “é também essencial proteger as pequenas e médias empresas, responsáveis por 70% dos empregos no Brasil. Medidas nesta direção são hoje recomendadas até por economistas influentes que no passado defenderam o neoliberalismo, como o ex-presidente do Banco Central, Armínio Fraga. Acima das ideologias, são repostas ditadas pelo bom senso, mas que pressepem o fim da política fiscal suicida que orienta o Ministério da Economia, a revogação da EC 95 [teto de gastos] e uma ampliação bem mais substancial de investimentos públicos, o que significa dinheiro novo e não a manipulação de recursos dos trabalhadores, que no caso do FGTS compromete investimentos fundamentais ao desenvolvimento nacional”, declarou.

Acordos individuais sem negociação com sindicatos não têm validade, decide STF

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), Ricardo Lewandowski, decidiu que acordos individuais de suspensão de trabalho, redução de salário ou de jornada, conforme previsto na MP 936, editada pelo governo no dia 1º de abril, só poderão acontecer após negociação com sindicatos.

“Os ‘acordos individuais’ somente se convalidarão, ou seja, apenas surtirão efeitos jurídicos plenos, após a manifestação dos sindicatos dos empregados”, definiu o ministro na decisão proferida na segunda-feira (6).

Em sua decisão o ministro levou em consideração as críticas e manifestações contrárias à MP por entidades sindicais e respondeu à ação direta de inconstitucionalidade (ADI) impetrada pela Rede Sustentabilidade, que questionou a medida no STF.

A norma do governo instituiu o Programa de Manutenção do Emprego e da Renda na crise do coronavírus e permite a suspensão temporária dos contratos de trabalho e a redução de salário e jornada proporcional em até 70%.

Em sua sentença, o relator defende que sem a presença dos sindicatos nas negociações entre patrões e empregados, os trabalhadores seriam os prejudicados pela “desigualdade



Decisão é do ministro Ricardo Lewandowski

estrutural entre os dois pólos da relação laboral”.

O ministro também defende que apenas a comunicação aos sindicatos, destituída de consequências jurídicas, fere a Constituição ao não dar efetividade à participação das entidades sindicais.

“A assimetria do poder de barganha que caracteriza as negociações entre empregador e empregado permite antever que disposições legais ou contratuais que venham a reduzir o desejável equilíbrio entre as distintas partes da relação laboral, certamente, resultarão em ofensa ao princípio da dignidade da pessoa e ao postulado da valorização do trabalho humano, abrigados nos arts. 1º, III e IV, e 170, caput, da Constituição. Por isso, a norma impugnada, tal como posta, a princípio, não pode subsistir”, diz a sentença.

Conforme a decisão, as companhias têm até 10 dias para entrar em contato com as entidades representativas, que poderão dar início à negociação coletiva sobre as mudanças.

Em sua sentença o ministro citou trechos de notas públicas divulgadas pela Associação Nacional dos Procuradores do Trabalho (ANPT) e pela Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho (Anamatra).

O ministro também cita a Organização Internacional do Trabalho (OIT). De acordo com ele, o combate à pandemia exige “imaginação e flexibilidade”, mas sem que se passe ao largo das recomendações emitidas por organismos internacionais especializados.

A decisão do ministro é liminar (provisória) e ainda precisará ser analisada de forma definitiva pelos demais ministros do STF.



Fábrica da GM em S. J. dos Campos Montadoras suspendem contratos e reduzem os salários em até 25%

A General Motors de São José dos Campos (SP) irá suspender o contrato de 90% dos 3.550 funcionários da fábrica, com redução de salário, pelo período de 2 meses.

Para o Sindicato dos Metalúrgicos, a proposta, que foi aprovada em assembleia virtual pelos funcionários, está muito aquém do que a empresa poderia garantir aos trabalhadores. “O sindicato defende a adoção de licença remunerada para todos, sem redução de salário”. “Este, certamente, não é o melhor acordo, mas estamos num cenário em que os patrões saíram fortalecidos por conta da MP do governo Bolsonaro”, disse o vice-presidente do sindicato, Renato Almeida.

O acordo foi baseado na Medida Provisória 936, editada no início do mês pelo governo federal. A medida está sendo questionada pelo Supremo Tribunal Federal (STF) como lesiva aos trabalhadores.

O acordo começa a vigorar a partir de segunda-feira (13). Os que recebem até R\$ 2.090 líquidos terão um corte de 5%. Na faixa seguinte, até R\$ 5.000, corte de 10%. Na sequência, os funcionários que ganham até R\$ 10.000, 15%. Até R\$ 20.000, 20% e acima desse valor, corte de 25%.

Os metalúrgicos de outras empresas também estão negociando a mesma proposta. A GM de São Caetano foi a primeira que fez acordo.

Os trabalhadores da Toyota, em São Bernardo, decidem hoje, também em votação online coordenada pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, se aceitam a proposta da empresa para a suspensão temporária dos contratos de trabalho.

A montadora é a segunda da região que recorre à MP do governo, que prevê redução na jornada de trabalho e nos salários de 5% a 25%.

Outras empresas menores da cadeia automotiva, como a metalúrgica Delga e a autopeças Kostal, também já solicitaram a suspensão temporária dos contratos, conforme informação do sindicato.



Demissões no setor de calçados já atingiam 11 mil, afirma Associação

Um dos setores que estão sofrendo com demissões massivas devido à crise do coronavírus é a indústria calçadista. De acordo com a Associação Brasileira da Indústria Calçadista (Abicalçados) já são cerca de 11 mil trabalhadores demitidos em todo o país desde meados de março.

Só no estado do Rio Grande do Sul, já são 3 mil demissões contabilizadas. Outra parte significativa dos trabalhadores gaúchos do setor está em férias coletivas, segundo o presidente da Federação dos Sapateiros-RS (Federação Democrática dos Trabalhadores da Indústria do Calçado dos Trabalhadores da Indústria do Calçado), João Batista Xavier da Silva.

Por essa razão, há ainda o temor de que haja mais demissões quando os trabalhadores voltarem das férias coletivas, devido à queda acentuada nas vendas de calçados.

“Algumas fábricas pequenas, que forneciam para as maiores, fecharam e não vão abrir mais.

A grande empresa retirou produção externa e manteve apenas a interna”, diz o sindicalista.

Atualmente, existem 10 polos calçadistas no Brasil, que empregam cerca de 270 mil trabalhadores, localizados nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste. São eles: Birigui (SP); Cariri (CE); Franca (SP); Jaú (SP); Juazeiro do Norte (CE); Nova Serrana (MG); Novo Hamburgo (RS); Sapucaia do Sul (RS); São Leopoldo (RS) e Santa Rita (RS).

“Entendemos que as empresas precisam retornar ao trabalho como forma de sobrevivência, de manutenção dos empregos e de redução dos impactos econômicos. Porém, ao mesmo tempo, há a necessidade de preservação da saúde dos nossos trabalhadores. Neste cenário, estamos trabalhando para que, quando for possível, tenhamos um retorno seguro das atividades do setor calçadista nacional”, disse o presidente da Abicalçados, Haroldo Ferreira, em nota.

População foi às filas para regularizar CPF e conseguir auxílio emergencial de R\$ 600

A corrida para a solicitação do auxílio emergencial de R\$ 600 que o governo disponibilizou aos trabalhadores informais a partir desta quinta-feira (9) gerou enormes filas e aglomerações em unidades da Receita Federal em todo o país, de pessoas com problemas no CPF.

A exigência do CPF regularizado é uma das premissas para o cadastramento no site disponibilizado pela Caixa Econômica para o recebimento do benefício, o que já revela uma grande falha em um programa emergencial, elaborado para socorrer pessoas que já estão literalmente passando fome.

As situações que tornam o CPF irregular são várias, entre elas, pendências com a Justiça Eleitoral, quando a pessoa deixou de votar, não justificou e não pagou multa; pendências com o imposto de renda; ou cadastro com dados incompletos ou errados, itens que colocam facilmente a “irregularidade do CPF” como fato corriqueiro em um amplo universo da população brasileira.

Ora, se o programa de ajuda financeira é exatamente para atender trabalhadores informais, ou em grande parte aquelas pessoas despossuídas de quase tudo, como ambulantes de toda ordem, a senhora que vende doces na porta da escola, o lavador de carros, o pipoqueiro, o pintor de paredes, a animadora de festas infantis, a diarista, etc, etc, como se explica o governo não ter se antecipado a essa realidade e encontrado uma outra solução para que o dinheiro chegue o mais rapidamente possível ao bolso desses cidadãos?

Aí vem a outra parte da ausência em enxergar a realidade do nosso país. A Receita está orientando o

beneficiário que está com seu CPF irregular a fazer a regularização pelo site ou por e-mail.

Além do dado concreto de que nem sempre tudo pode ser resolvido online – como relata abaixo, em entrevista ao G1, o microempreendedor individual José Vieira, de Maceió, que falou da dificuldade para cadastrar o CPF -, milhares de pessoas não têm acesso a computador ou Internet. Muitas são semianalfabetas, não têm nem uma casa digna desse nome para morar e, simplesmente, se viram como podem para sobreviver.

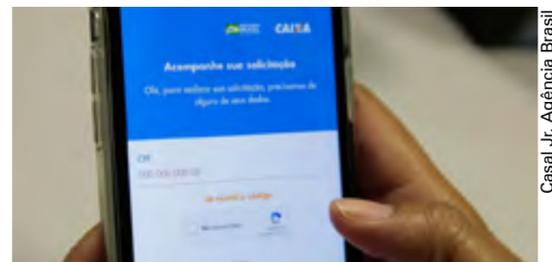
José Vieira conta: “Está regular (o CPF), está regular só que, quando entro no site do governo federal, aí dá irregular. A gente vem para cá, chega aqui e eles passam o site que está aqui na parede. Mas a gente tenta e nunca consegue entrar”.

Ou como contou Dona Rosângela em reportagem do Jornal Nacional. Ela não votou e não justificou nas últimas eleições e por isso está com o CPF irregular.

Ouvida pela reportagem na porta de uma agência da Receita, ela disse que foi ao Correio para regularizar a situação. “Eu paguei lá no Correio. E mandaram eu vir para cá para a Receita Federal para ajustar”.

Como, além de tudo, por conta do coronavírus, a Receita está com horário reduzido de atendimento em suas agências, de quarta para quinta-feira a situação se tornou dramática em muitas localidades, com pessoas chegando às unidades da Receita de madrugada, como ocorreu em São Gonçalo, no RJ, onde a primeira pessoa chegou às 3 da manhã.

Muitos estiveram na agência ontem e não conseguiram ser atendidos, como conta Sueli de Oliveira, de 59 anos.



Defensoria pede que exigência de CPF regular para auxílio seja dispensada

A Defensoria Pública da União (DPU) enviou ofício ao ministro da Cidadania, Onyx Lorenzoni, pedindo que as pessoas que estão com o CPF irregular também tenham acesso imediato ao auxílio emergencial de R\$ 600.

No ofício, assinado pelo defensor nacional dos Direitos Humanos da DPU, Atanasio Darcy Lucero Junior, o órgão solicita que o governo mude trechos do decreto que criou o auxílio para que isso possa ser possível.

“Não se ignora a importância de regularidade eleitoral, essencial à cidadania, ou do cumprimento das obrigações para com o Fisco. Todavia, tais exigências soam um tanto secundárias em um momento emergencial como o que se apresenta”, diz o ofício.

Em seguida, o defensor público argumenta que, “em realidade, no atual cenário nacional, exigir a regularidade da inscrição no CPF equivalerá exigir que a pessoa se dirija a cartório eleitoral ou sede da Receita Federal para trâmites documentais a fim de que possa obter verba alimentar, o que não parece adequado ou razoável a esta DPU, notadamente quando pode gerar

(e já está gerando) filas e aglomerações de pessoas em órgãos públicos”.

No artigo 7º do decreto de auxílio emergencial, o governo torna obrigatória a regularização do CPF junto à Receita Federal, exceto no caso de “trabalhadores incluídos em famílias beneficiárias do Bolsa Família”.

A exigência levou milhares de pessoas às unidades da Receita Federal em todo o Brasil na quarta e nesta quinta-feira na tentativa de regularizar o CPF.

O ofício do DPU também solicita que o governo faça alterações no decreto para permitir que menores de 18 anos e imigrantes que ainda não tenham CPF possam ser identificados de outra forma, como o registro de nascimento, a fim de terem acesso ao benefício.

O documento elogia a iniciativa “para socorrer camadas mais desassistidas da população”, mas ressalta que “desde o lançamento do auxílio emergencial, alguns pontos chamaram a atenção da DPU, em razão de determinadas características e requisitos que, conquanto tenham intenções compreensíveis, acabam excluindo da política populações vulneráveis”.

Racismo de Netanyahu deixa israelenses e palestinos sob grave risco frente à pandemia

Ao minguado apoio aos hospitais da Jerusalém palestina sob ocupação e impiedoso cerco a Gaza, junta-se a negligência no estabelecimento da quarentena para os ultra-ortodoxos como fatores que tornam a região que abrange Israel e Palestina um dos mais perigosos epicentros de propagação do Covid-19 em todo o mundo (no dia 10, 1 em cada 900 israelenses, num total de 10.095, já apresentaram infecção pela doença).

“Eu gostaria de alertá-lo a respeito da séria escassez de equipamento médico nos hospitais da Jerusalém Oriental, particularmente equipamento de proteção e para a condução de testes de coronavírus. Isto apesar das repetidas promessas de seu Ministério”, estas foram as duras palavras do prefeito de Jerusalém (que inclui a Jerusalém ocupada sob sua jurisdição desde que o governo israelense a anexou – ilegalmente diante das leis internacionais – a seu território), Moshe Leon, na carta dirigida ao ministro da Saúde israelense, o ultra-ortodoxo, Yaakov Litzman.

O drama pelo qual Leon teme ser responsabilizado, se concentra no fato de que o sistema de saúde como um todo pode entrar em colapso “à luz da incapacidade dos hospitais da parte oriental da cidade (de maioria árabe) de sustentar os esforços conjuntos que serão necessários neste período”.

Dos seis hospitais palestinos na Jerusalém Oriental, somente dois, o Makassed e o Hospital Saint Joseph, têm unidades para tratamento específico do coronavírus.

Em estudo realizado após contatos com a direção dos hospitais naquela parte da cidade, Leon apresentou uma modesta conta emergencial de 9 milhões de shekels (US\$ 2,5 milhões) destacando que os hospitais já tinham consideráveis problemas financeiros antes da pandemia “e agora precisam fazer maiores e imediatas despesas para se prepararem para tratar os pacientes de coronavírus”.

Até agora os apelos de Leon e dos diretores dos hospitais de Jerusalém caíram em ouvidos moucos e os recursos não chegam.

O presidente do Sistema hospitalar de Jerusalém Oriental, Abdel Qader Hussein, declara que os dois únicos hospitais equipados para tratar dos acometidos do vírus, “o Makassed tem 22 leitos preparados para isso e o Saint Joseph, que fechou o seu departamento cirúrgico para convertê-lo em setor de tratamento do Covid-19, tem 28 leitos”.

Hussein declarou, em entrevista ao portal Middle East Monitor (MEMO), que Israel como potência ocupante, é responsável pela saúde dos palestinos e suas autoridades do setor têm feito muito pouco para ajudar. Ele também denuncia que os hospitais da cidade estariam em condições bem melhores, não fosse Trump haver ordenado o corte na ajuda que os Estados Unidos forneciam aos hospitais de Jerusalém (US\$ 25 milhões ao ano) como mais uma das pressões para tentar fazer os palestinos se dobrarem e aceitarem a anexação de Jerusalém e a aderirem ao seu colonialista “plano de paz”.

Mas não é apenas na cidade sagrada para as religiões judaica, cristã e muçulmana que o perigo ronda as vidas palestinas.

A tensão na Faixa de Gaza, sob cerco há mais de 13 anos, é muito mais elevada.

O diretor de operações da UNRWA (a organização da ONU fundada em 1948 para cuidar dos refugiados palestinos), Matthias Schmale, declarou à rede Sky News Arabic que o cenário previsto para um surto do Covid-19 em Gaza é o pior possível: “Estamos muito preocupados com o surto de coronavírus porque administrar a crise nestas condições seria muito difícil”. Ele enfatizou a importância e a necessidade de que Israel levante o cerco imposto a Gaza desde 2007. “Precisamos de equipamento, respiradores, proteção pessoal para médicos e mais pessoal”. Para ele não tem lógica pensar que Gaza é de alguma forma separada do resto do mundo. “Todos precisam tomar medidas para que o cerco seja levantado”.

“Para muitas das pessoas que estão aqui, Gaza deixou de ser um lugar onde se possa viver há muito tempo. As pessoas não têm empregos, medicamentos ou qualquer outra coisa, incluindo pacotes de alimentos, muitos dependem da ajuda fornecida pela UNRWA”. Ele alerta que a Faixa de Gaza tem apenas 60 leitos equipados com respiradores para uma população estimada em 2 milhões. “Fui informado de que 20% dos pacientes atingidos pelo coronavírus precisam de atendimento hospitalar e 5% de permanência em UTI. Se apenas 1.000 pessoas contraírem o vírus em Gaza estaremos diante de um problema real”.

Em matéria publicada nesta quinta-feira, no MEMO, as autoridades de Saúde de Gaza advertem que já estão sem kits de testes e os exames já realizados aguardam resultado final porque os reagentes também estão em falta. Segundo o porta-voz do departamento de Saúde, Ashraf al-Qidra, “os testes em nosso laboratório central pararam depois que os kits acabaram”. Isso está implicando em que salas de aula de escolas improvisadas como centros de quarentena já estão ficando lotadas com os médicos guiando-se apenas pelos sintomas.

ORTODOXOS AMEAÇADOS

A desastrosa condução do combate ao coronavírus não se limita aos palestinos a quem Netanyahu chama de “amigos dos terroristas” e “ameaça ao caráter judaico de Israel”, a negligência em impor a quarentena aos bairros de maioria ortodoxa judaica está colocando em risco de dizimação os religiosos judeus. Nesses bairros, a velocidade de propagação do vírus já é a mais assustadora em todo o país e sem comparação em todo o mundo.

Na cidade religiosa de Bnei Brak, 35% dos testados apresentam infecção pelo vírus, o que significa, em projeção, que já podem estar infectados cerca de 75 mil pessoas somente aí. Além de não ter havido a orientação para a quarentena (as medidas mais severas só começaram na quarta semana de março), há uma densidade populacional grande, pois os religiosos costumam ter muitos filhos.

A isso se junta o fato dos religiosos não acreditarem na ciência, mas na reza e nos rabinos como recursos para vencer os males.

O próprio ministro da saúde, o ortodoxo Yaakov Litzman, sem nenhuma formação médica, uma indicação do seu partido, Judaísmo Unido na Bíblia, quando perguntado se a quarentena israelense se estenderia até o Pessach (Páscoa judaica), respondeu: “Estamos rezando e esperando que o Messias chegará antes da Páscoa, no tempo de nossa redenção. Estou seguro de que o Messias vai chegar e nos trazer para fora deste mal, assim como Deus nos tirou do Egito. Em breve sairemos em liberdade e o Messias virá e nos redimirá dos males do mundo”. Isso no dia 24 de março!

O Pessach chegou dia 8, o Messias não veio e a doença segue como a maior ameaça aos judeus religiosos em todo o mundo.

NATHANIEL BRAIA

Matéria na íntegra em: www.horadopovo.com.br

Premiê inglês agradece Saúde Pública por lhe salvar a vida



Até aqui um privatista, Boris Johnson reconhece dedicação de funcionários do NHS

“É difícil combater a pandemia de imbecis”, afirma o ator argentino Ricardo Darín

O ator argentino Ricardo Darín*, considerado atualmente como um dos melhores e mais populares intérpretes de seu país e da América Latina, deu uma entrevista ao jornalista Diego Leuco no programa *We are great* (TN), de sua casa, onde está em isolamento. Referindo-se aos que ignoram a quarentena e saem às ruas sem nenhuma necessidade – situação com a qual lamentavelmente convivemos também no Brasil – foi direto: “É muito difícil combater a pandemia de imbecis”.

“É difícil se colocar no lugar de outras pessoas. Certamente, uma parte terá razões que não estão contempladas nas regras que todos temos que cumprir, mas há situações muito delicadas e que a Justiça avaliará quando chegar a hora. Isso não significa que não haja imbecis. É muito difícil combater a pandemia de imbecis. O grande problema são aqueles que acreditam que são os mais espertalhões da Terra, algo muito típico de nós. É angustiante para a grande maioria que está cumprindo as regras de isolamento ver que há outros que não querem ou não podem fazê-lo. Com aqueles que não podem, eu gostaria, se não rompesse o isolamento com isso, ficar juntos para ouvi-los”, afirmou sobre os argentinos processados por violar a quarentena.

“Eu vou levando como posso, mas estou bem. Com paciência, o que há para ter. A incerteza é algo que preocupa a todos nós. Não quero ser pessimista, mas todos os dias experimentamos momentos



“O grande problema são os que se creem espertalhões”

de luto. Hoje morreram 14 pessoas”, assinalou o artista, referindo-se aos falecimentos na Argentina no sábado, dia 11.

O ator falou do contexto que lhe provoca mais intranquilidade: “Tenho uma grande preocupação pelo momento em que este vírus chegue mais aos subúrbios, aos lugares onde as pessoas não estejam bem preparadas como alguns privilegiados como eu ou alguns de nós”.

“Nós somos privilegiados. Porque o isolamento é um privilégio: se você pode ficar na tua casa e aguentar bem este tsunami, você é um privilegiado, mas há muita gente que não está nessa posição e tem que ficar, é muito importante que fique”, acrescentou o ator argentino.

Darín ponderou que “esta é uma tragédia episódica. Me assusta, me comove a neurologia de todo este assunto. Esquecemos que esse número tem nome e sobrenome, há uma família por trás, afetos”.

“Desto duro golpe se depreendem outros paradoxos. Que não estejamos circulando

permitiu ao planeta respirar. Às vezes, sinto que este tipo de coisas são respostas. Os humanos somos pequeninos, porém importantes se estamos um ao lado do outro. De como nos comportemos frente a esta tragédia depende nosso futuro. Tomara possamos aprender que, se o outro não está bem, nós não podemos estar bem”, concluiu o ator argentino.

*Ricardo Darín nasceu em Buenos Aires, em 1957, e começou atuar ainda pequeno. Tornou-se conhecido na teledramaturgia em telenovelas de sucesso. Ao final dos anos 1990, com o filme *Nove Rainhas*, de Fabián Bielinsky, começou a trabalhar mais no cinema. Ficou conhecido internacionalmente ao protagonizar o longa *O Segredo dos Seus Olhos* (2009), premiado com o Oscar de Melhor Filme Estrangeiro. Darín também se destaca por papéis em “Clube da Lua” (2004), *Abutres* (2010), *Um Conto Chinês* (2011), *Tese Sobre um Homicídio* (2013) e *Relatos Selvagens* (2014), entre outros.

Equador retira 700 corpos das ruas de Guayaquil mas informa apenas 333 mortos por Covid-19

A força-tarefa enviada pelo governo de Quito a Guayaquil, epicentro da pandemia de Covid-19 no país, anunciou no domingo (12) que conseguiu remover pelo menos 700 corpos de pessoas que morreram nas últimas semanas em suas casas na cidade, que é a maior do país, e onde o sistema hospitalar e funerárias entraram em colapso.

“A quantidade que coletamos, com a força-tarefa em residências, excedeu 700 pessoas mortas”, disse Jorge Wated, que encabeça equipe de policiais e militares enviada à cidade.

Nas últimas semanas, causaram espanto no mundo inteiro as cenas de caixões largados no meio da rua e cremações improvisadas por familiares largados à própria sorte.

Médicos denunciaram que faltava tudo, de respiradores a leitos, e que as farmácias estavam vazias.

A província de Guayas, cuja capital é Guayaquil, concentra mais de 72% dos mais de 7.400 casos que oficialmente o Equador reconhece, com 333 mortos pelo novo coronavírus, desde a detecção pela primeira vez da doença no país em 29 de fevereiro.

Só pelos 700 mortos que agora o próprio governo diz ter removido das ruas, já fica sob questionamento essa cifra de mortos do coronavírus, embora é duvidoso que, antes do enterro, haja sido feito qualquer teste.



Força-tarefa informou ter recolhido 700 corpos

O porta-voz do governo não informou a causa mortis dos corpos coletados nas ruas.

Com 2,7 milhões de habitantes, Guayaquil tem a maior taxa de mortalidade do país por Covid-19 e a mais alta da América Latina, 1,35 mortos por 100 mil habitantes, superior a São Paulo (0,92), de acordo com o médico sanitário Esteban Ortiz, da Universidade das Américas equatoriana.

Ortiz denunciou, ainda, que 40 profissionais, entre enfermeiros e médicos, já morreram na epidemia em Guayaquil.

Desde o dia 17 de março, está em vigor no Equador toque de recolher por 15 horas, mas o governo provincial era contra as medidas de contenção.

A oposição tem denunciado a incompetência, incúria e corrupção do governo de Lenin Moreno no enfrentamento da pandemia, com setores crescentes considerando que

“Deixei o hospital depois de uma semana na qual o NHS (sigla do sistema de Saúde Pública inglês) salvou minha vida”, declarou Boris Johnson que voltou a insistir que os ingleses devem se manter em casa

O primeiro-ministro inglês, Boris Johnson, que estava internado acometido da Covid-19, deixou o hospital neste domingo, dia 12, ao receber alta.

Já na residência oficial na Downing Street, o premiê agradeceu a equipe que cuidou dele por ter salvo sua vida.

“Eu deixei o hospital depois de uma semana na qual salvou minha vida o NHS”, declarou referindo-se ao National Health Service, como é denominado o serviço inglês de Saúde Pública.

Dois dias antes de sua alta, na sexta-feira, a pandemia já ceifara mais de 10 mil vidas dos ingleses e, naquela sexta-feira, o número de mortos em um dia chegou a 980, ultrapassando até mesmo o pior dia, em termos de falecimentos, vivido pelo povo italiano, que até agora soma o maior número de perdas em toda a Europa.

Boris Johnson, que de início subestimou a gravidade da pandemia, está com 55 anos e foi levado ao hospital Saint Thomas, em Londres, no dia 5 de abril e, no dia seguinte, foi conduzido ao centro de tratamento intensivo, onde permaneceu até o dia 9.

Ele fez menção especial a dois enfermeiros que se revezaram nos cuidados com ele. Jenny, da Nova Zelândia e Luis, de Portugal, que, de acordo com ele ficaram ao lado de sua cama durante 48 horas, “quando as coisas

Cuba denuncia ‘bloqueio ainda mais cruel e genocida que em tempos normais’

O governo cubano denunciou neste sábado que, com o novo coronavírus, os Estados Unidos não apenas mantêm as “criminosas sanções” contra a ilha caribenha, como aumenta as ameaças e o garrote comercial, dificultando ainda mais a chegada de produtos essenciais ao combate pela vida.

“O bloqueio dos EUA contra Cuba é mais genocida e cruel que em tempos normais”, afirmou Néstor Marimón, diretor de Relações Internacionais e Cooperação do Ministério de Saúde Pública, enfatizando que a prática, iniciada em 1962, torna este o sistema de sanções “mais severo, injusto e prolongado de um país sobre o outro”. Para os estadunidenses que o violem, as penalidades são pesadas: até 10 anos de prisão e multas de US\$ 1 milhão para empresas ou US\$ 250 mil para cidadãos.

“CRIMINOSO BLOQUEIO”

Na semana passada, o presidente Miguel Díaz-Canel voltou a condenar o “criminoso bloqueio” de Washington contra Havana, numa referência explícita à barreira imposta a que suprimentos médicos doados por um empresário chinês chegassem para combater a pandemia.

Com o cerco político, diplomático e militar, é proibido, por exemplo, que as empresas exportem para os Estados Unidos qualquer produto que contenha matéria-prima cubana. Da mesma forma, é proibido vender a Cuba bens ou serviços que utilizem tecnologia estadunidense ou que precisem, na sua fabricação, de produtos dessa procedência que excedam 10% do seu valor, mesmo quando os seus proprietários tenham nacionalidade de outro país.

Os bancos também não podem abrir contas em dólares norte-americanos para pessoas físicas ou jurídicas cubanas, ou que simplesmente realizem uma única transação financeira com en-

poderiam ter tomado outro rumo”.

“A razão, ao final, quando meu corpo começou a receber bastante oxigênio foi porque para cada segundo daquela noite eles ficaram atentos, refletindo, cuidando e fazendo as intervenções que eu necessitava”, declarou o premiê.

“Houve momentos muito duros, de fato, na semana passada. Hoje me sinto com incrível sorte”, declarou sua noiva, Carrie Symonds que acrescentou: “Meu coração vai para todos aqueles em situações similares e se sentem preocupados com seus entes queridos”.

Em sua mensagem aos ingleses, o primeiro-ministro declarou: “Quero que vocês saibam que neste domingo de Páscoa acredito que seus esforços, em manter a quarentena, vão valer a pena”.

As declarações de Boris Johnson têm particular significado diante do fato de que representantes da corrente neoliberal a qual ele também se filia, têm reduzido as verbas e congelado os salários dos profissionais de um serviço público reconhecido, até antes destes cortes, como um dos mais organizados e mais eficazes em todo o mundo. Para sorte dos ingleses, estes governos não conseguiram destruir o NHS. As autoridades informaram que o sistema hospitalar não está sobrecarregado e que há 3.000 leitos disponíveis para tratamento de pacientes em situação crítica.

idades ou pessoas cubanas, o que bloqueia totalmente a possibilidade da Ilha utilizar o dólar em suas transações de comércio exterior.

Até este sábado permaneciam sob atenção e vigilância em hospitais e centros de isolamento cubanos 8.279 pacientes, sendo que 7.128 estavam sendo analisados pela rede de Atenção Primária da Saúde. Dos 620 casos confirmados com a enfermidade, 513 apresentam um quadro clínico estável, 16 morreram, dois foram enviados aos seus países e 77 receberam alta médica.

DIREITOS HUMANOS

Apesar do criminoso bloqueio reforçado pelos Estados Unidos com a administração Trump, Cuba está mantendo e ampliando suas brigadas médicas combatendo o coronavírus em 37 países, contribuindo para que seus sistemas de saúde não entrem em colapso.

Em contraposição à política de Trump e Bolsonaro, a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH) adotou neste final de semana uma resolução que chama ao pleno respeito às liberdades fundamentais neste momento de “emergência sanitária sem precedentes que enfrenta o mundo”.

A resolução faz uma conclusão a que os Estados membros da Organização das Nações Unidas (ONU) adotem um enfoque centrado nos direitos humanos em toda a estratégia política contra a pandemia e suas consequências, incluindo os planos para a recuperação social e econômica na América Latina.

A resolução “Pandemia e Direitos Humanos nas Américas” defende ainda uma atenção especial à população vulnerável à enfermidade: anciãos, pacientes com doenças pré-existentes, mulheres, povos indígenas, crianças, comunidade LGBT, pessoas com deficiência e quem viva em extrema pobreza.

Jornalistas exigem liberdade de Assange após morte por Covid-19 na prisão de Belmarsh

Neste sábado (11), ao se completar 1 ano da detenção de Julian Assange no presídio inglês de segurança máxima de Belmarsh, três sindicatos franceses de jornalistas enviaram ao fundador do WikiLeaks carta de solidariedade e de apoio à sua imediata libertação, ainda mais premente após a morte ali de pelo menos um preso por coronavírus.

“Obrigado por ter dado força e inspiração a muitos cidadãos comprometidos em tornar transparentes os delineamentos criminais e os modos de funcionamento de governos que sobrevivem apenas pela opacidade de suas ações”, afirma a carta, assinada pelos SNJ, SNJ-CGT e CFDT-Jornalistas.

As entidades denunciaram que a prisão de Assange foi “puramente arbitrária, por critérios políticos” e repudiaram a decisão do juiz do caso de extradição de se recusar a libertá-lo, ou transferi-lo para prisão domiciliar, “nestes tempos de pandemia, em que as libertações são massivamente concedidas a prisioneiros de vários países do mundo”.

Assange vem sendo mantido preso em Belmarsh nessa situação calamitosa, porque Trump quer sua extradição para usar como trunfo nas eleições de novembro. O tribunal manteve a audiência em maio, no meio da pandemia que já matou mais de 9 mil britânicos, e com o país em quarentena.

O fundador do WikiLeaks está sendo acusado de ‘espionagem’ por ter divulgado os documentos do Pentágono que registram crimes de guerra cometidos no Iraque e no Afeganistão, divulgados em 2010, junto com os principais jornais do mundo. Pelas acusações já mostradas, está ameaçado de 175 anos de cárcere.

Segundo a BBC, já são nove os presos que morreram de Covid-19 nas penitenciárias inglesas. Em 7 de abril, pelo menos 107 pessoas em 38 prisões na Inglaterra e no País de Gales já haviam testado positivo para a Covid-19. Centenas de presos e guardas já estariam em auto-isolamento.

“Agente firme Julian, por você, sua família e todos aqueles que contam com você ao redor do mundo. Nunca poderemos agradecer o suficiente pelo seu trabalho titânico, que permitiu que jornalistas de todo o mundo transmitissem ao público em geral os arquivos que você ajudou a tornar acessíveis”, afirma a carta.

“Precisamos de você”, reiteram os jornalistas franceses na carta a Assange, que acrescenta que o jornalista australiano “se tornou um símbolo da liberdade de informar”.

“VIDA EM PERIGO”

O risco de vida que Assange está correndo ao ser mantido em um presídio onde já ocorreu a contaminação por Covid-19, também indigna e traz apreensão ao editor atual do WikiLeaks, Kristinn Hrafnsson.

Um ambiente carcerário é “como uma placa de Petri” para um vírus, advertiu Hrafnsson, ainda mais quando se trata de um tão altamente infeccioso como o coronavírus. “A vida de Assange corre perigo cada dia e cada hora”, apontou.

O que torna a situação particularmente alarmante é que o estado de saúde de Assange já era bastante delicado antes do surto do coronavírus.

“Assange está em um estado muito mal. É um indivíduo muito vulnerável, especialmente ante um vírus como Covid-19. Ele tem um afecção pulmonar subjacente e seria considerado em grande risco inclusive se vivesse normalmente em sociedade”, ressaltou Hrafnsson.

Desde novembro passado, o grupo Médicos por Assange, composto por mais de 200 profissionais médicos do mundo inteiro, tem alertado que o jornalista pode morrer atrás das grades porque lhe foi negado o atendimento médico adequado.

Em uma carta aberta no mês passado, os Médicos por Assange escrevem: “A vida e a saúde de Julian Assange estão em maior risco devido à sua detenção arbitrária durante esta pandemia global. Essa ameaça só aumentará à medida que o coronavírus se espalhar.”

Por sua vez, parlamentares australianos pediram que esta semana que Assange seja transferido para prisão domiciliar.

ESCADALOSO ARBITRÁRIO

Hrafnsson considerou a decisão de manter a audiência da extradição de 18 de maio, em plena pandemia, como “simplesmente escandalosa”.

Ainda mais escandalosa quando a Justiça britânica anuncia a libertação, por causa da Covid-19, de 4 mil presos de baixa periculosidade. Assange não teria sido incluído em razão de “não estar cumprindo pena”, e ser em razão do processo de extradição, de acordo com esses ‘juristas’ de Sua Majestade.

Antes, em março, o tribunal rejeitara pedido de libertação por fiança.

O jornalista Vaughan Smith, que no dia 7 falou por telefone com Assange, afirmou que já são duas as mortes por Covid-19 em Belmarsh, embora o Departamento de Justiça tenha admitido “apenas uma”. “Julian me disse que o vírus estava se espalhando na prisão”.

Ele revelou, ainda, que Assange agora está confinado sozinho em uma cela “por 23 horas e meia por dia”, faz “meia hora de exercício” e fica “em um pátio lotado de outros prisioneiros”. Mais de 150 agentes penitenciários estão fora do serviço e a prisão está funcionando “precarosamente”.

ANTONIO PIMENTA

Leia a matéria completa em www.horadopovo.com.br

Diretor da OMS adverte sobre riscos do ‘abandono precoce da quarentena’



“O refluxo da pandemia pode ser tão perigoso como sua propagação se não é administrado de forma adequada”, alerta Tedros Ghebreyesus, diretor da OMS

Desigualdade provoca mais mortes pela Covid-19 entre negros e latinos nos EUA

O coronavírus está infectando e matando negros e latinos de maneira desproporcional nos EUA, segundo dados de vários Estados e cidades.

Nova Iorque é a cidade mais afetada pelo coronavírus no país inteiro, com mais de 5 mil mortes e 100 mil casos confirmados, e uma das poucas localizações dos EUA em quarentena.

Porém, duas comunidades estão sofrendo mais as consequências da pandemia, apesar de serem minorias étnicas e raciais, por não terem acesso à saúde e pela baixa qualidade de vida que sofrem.

Os hispânicos, que representam 29% da população de Nova Iorque, respondem por 34% das mortes de coronavírus na cidade, segundo os primeiros dados oficiais divulgados na quarta-feira (8).

E como em outras cidades dos Estados Unidos, a comunidade negra também está sendo particularmente afetada. Em Nova Iorque, ela representa apenas 22% da população, mas contabiliza 28% das vítimas.

“Este é um momento de apelo à ação”, disse Lori Li-

ghtfoot, prefeita de Chicago, onde os negros são mais da metade dos que testaram positivo e 72% das mortes por Covid-19 – mesmo que sejam menos de um terço da população.

“Esses números assustam”, disse Lightfoot, que é a primeira negra a ocupar o cargo. Em Illinois, 43% das mortes e 28% dos contaminados são negros – grupo que representa apenas 15% da população. Uma desproporção semelhante se repete nos Estados de Michigan, Louisiana, Carolina do Norte e Carolina do Sul.

Para especialistas, as razões são as desigualdades estruturais crônicas. Em tempos de quarentena, a maioria dos negros não pode ‘se dar o luxo’ de trabalhar em casa. Isso os coloca em alto risco de contrair a doença.

A enorme desigualdade também deixa os negros com menos condições de terem seguro-saúde e mais propensos a terem doenças preexistentes.

Além disso, há indícios de que os médicos encaminhem para testes poucos

negros com sintomas da Covid-19, denunciam.

O prefeito de Nova Iorque, Bill de Blasio, apresentou as estatísticas oficiais que confirmam que os hispânicos e negros representam 62% do total de mortos pelo Covid-19 respondendo a uma ação do Defensor do Povo Jumaane Williams.

Williams ressaltou que “os dados publicados, tanto da cidade como do Estado, mostram sem lugar a dúvidas que os nova-iorquinos falecidos por Covid-19 são desproporcionalmente negros ou latinos. Mas inclusive estas estatísticas são incompletas, já que os dados da cidade refletem que em 37% das mortes ainda se desconhece a raça”.

A promotora geral do estado de Nova Iorque, Letitia James, declarou que “falar que essa desproporção é inquietante seria dizer pouco. Crises da saúde pública como esta revelam e exacerbam as profundezas da desigualdade em nossa sociedade”.

Leia mais em www.horadopovo.com.br

OMS: “Africa não será campo de testes para vacinas sob mentalidade colonial”

A conversa entre Jean Paul Mira, chefe do Serviço de Reanimação do Hospital Cochin de Paris e Camille Lochet, diretor de Investigação do Inserm, Instituto de Saúde e Investigação Médica, francês, transmitida pela rede LCI, propondo experimentar na população da África remédios contra o Covid-19, indignou vários futebolistas, artistas, cientistas e ativistas africanos, entre eles o atacante do Deportivo de La Coruña, Mamadou Koné.

Os “cientistas”, entre outras coisas, disseram: – “Isto pode ser polêmico mas, não deveríamos fazer um estudo na África onde não tem máscaras, nem tratamentos nem reanimação? Isso se faz em estudos no caso da AIDS onde usam prostitutas para provar certas coisas porque sabem que estão muito expostas e não têm proteção.”

O Diretor Geral da Organização Mundial da Saúde, o etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus, criticou a “mentalidade colonial” dos dois já que seria “horrrível e uma vergonha” usar o continente como “laboratório”. “Esse tipo de comentários racistas não contribuem

em nada para avançar. Vão contra o espírito de solidariedade. A África não pode e não será um campo de testes para nenhuma vacina”, garantiu Ghebreyesus, em conferência de imprensa virtual na segunda-feira, 6.

Os integrantes, amigos e parceiros do Centro de Saberes Africanos, Americanos e Caribenhos no Mundo do Sul, através de um Manifesto que corre entre entidades sociais, expressaram sua condenação a essa expressão do pensamento racista que ainda prevalece em muitos europeus, na pretensão de realizar experimentos com pessoas africanas com o objetivo de achar uma vacina contra a pandemia do coronavírus (COVID 19), e exigem que a Europa tire suas mãos da África.

Matéria completa em www.horadopovo.com.br

União Europeia libera meio trilhão de euros em resposta à pandemia

O ministro das Finanças da França, Bruno Le Maire, anunciou na quinta-feira através de sua conta no Twitter que a União Europeia aprovou a liberação de mais de 500 bilhões de euros em resposta à crise desencadeada pela pandemia de Covid-19, que obrigou a paralisação em grande medida da economia dos principais países europeus.

“Excelente acordo entre os ministros das Finanças da Europa sobre a resposta econômica ao coronavírus: 500 bilhões de euros disponíveis imediatamente. Um fundo de estímulo por vir. A Europa decide e enfrenta a gravidade da crise”, escreveu Le Maire.

Para Le Maire, “o plano econômico que acabamos de adotar é o mais importante e mais

rápido que a União Europeia adotou em sua história”.

A decisão sobre o socorro aos países da Europa assolados pela pandemia foi tomada na reunião dos ministros das finanças da zona do euro por videoconferência, em 45 minutos, após consultas prévias não terem conseguido um denominador comum, a ponto de Itália e Espanha advertirem que o futuro do bloco estava em perigo.

Se em uma crise dessa amplitude a UE não puder ser solidária, para que serviria? O primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte chegou a dizer à BBC que “se não aproveitarmos a oportunidade de dar nova vida ao projeto europeu, o risco de fracasso é real”.

O presidente do Eurogrupo, o ministro das Finanças de Portugal, Mario Centeno, indicou que a videoconferência “terminou com aplausos” quando o pacote foi aprovado “com contornos que seriam impensáveis há algumas semanas”.

Após o anúncio, a Ministra de Assuntos Econômicos da Espanha, Nadia Calvino, registrou que um bom acordo foi alcançado no Eurogrupo com “uma rede de segurança tripla”. Ela também afirmou que “seguiremos trabalhando em mecanismos comuns de financiamento”, e tuitou: #EsteVirusOParamosJuntos.

Leia a íntegra notícia em www.horadopovo.com.br

Tedros Ghebreyesus afirma que o levantamento demasiado rápido da restrição do distanciamento social no enfrentamento da pandemia pode conduzir a um “rebote mortal” do novo coronavírus

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, advertiu que um levantamento precoce, demasiado rápido, das restrições de distanciamento impostas para o enfrentamento da pandemia de Covid-19 poderia conduzir a um “rebote mortal” do novo coronavírus.

“Sei que alguns países já estão preparando a transição para abandonar as restrições de quarentena. Como todo o mundo, a OMS quer que as restrições sejam levantadas. Ao mesmo tempo, suspender as restrições muito rapidamente pode levar a um rebote mortal”, afirmou o microbiólogo e ex-ministro da Saúde e de Relações Exteriores da Etiópia, Ghebreyesus, em coletiva de imprensa virtual em Genebra na sexta-feira (10).

“O refluxo (da pandemia) pode ser tão perigoso como sua propagação se não é administrado de forma adequada”, acrescentou desde a sede da entidade em Genebra.

De acordo com Tedros, os governos precisam levar em conta alguns fatores antes da flexibilização das medidas de quarentena. São eles:

- Controle da transmissão

- Oferta suficiente de serviços médicos e de saúde pública

- Minimização dos riscos de um novo surto

- Medidas preventivas em locais essenciais, como escolas, locais de trabalho e outros

- Controle dos riscos de importação do vírus, e

- Participação ativa das comunidades

Michael Ryan, diretor-executivo da OMS, assinalou que, neste momento, os governos precisam se preocupar em como fazer mais testes de um tipo que identifica a presença do vírus específico, o teste PCR.

Tedros disse também que a organização está preocupada com as infecções entre os profissionais da saúde, com a quantidade de pessoal médico que em todo o mundo se encontra infectado pelo Covid-19, o que qualificou como uma “tendência alarmante”. “É alarmante, e se eles estiverem em risco, todos estarão em risco”, afirmou.

Foi organizada uma força tarefa da OMS para distribuir equipamentos de proteção para que os profissionais da saúde não estejam vulneráveis.

A Organização se propõe enviar, “pelo menos 100 milhões de máscaras e luvas médicas, até 25 milhões de respiradores e máscaras de outros tipos e até 2,5 milhões de testes de diagnóstico”, por mês. Além de “grandes quantidades de balões de oxigênio e outros equipamentos para atenção clínica”.

Este sistema constará de centros na Bélgica, China, Etiópia, Gana, Malásia, Panamá, África do Sul e nos Emirados Árabes Unidos. Estima que esta cadeia de suprimentos pode necessitar cobrir mais de 30% das necessidades mundiais na fase aguda da pandemia.

O custo dessa operação é estimado em US\$ 280

Idosos e pobres são maiores vítimas da quarentena parcial na Suécia

MARCELLO FERRADA DE NOLI*

Em apenas três dias, o total de fatalidades na Suécia devido à epidemia em curso aumentou de 477 para 881. Enquanto que o problema começou a grosso modo ao mesmo tempo em todos os países escandinavos, as estatísticas suecas estão entre as piores.

A Suécia não apenas tem o índice mais elevado de fatalidades per capita, mas também a contagem de mortos mais elevada do que todos os outros países nórdicos juntos. No dia 10 de abril, a Suécia chegara a 86 fatalidades por cada milhão de integrantes de sua população, enquanto que a Finlândia tinha 9, Noruega 20, Dinamarca 43 (os Estados Unidos têm 47 e a Rússia 0,5 fatalidades por Covid-19 a cada milhão).

Nossa quarentena era supostamente para proteger os mais vulneráveis, os idosos, da Covid-19, mas estamos alcançando precisamente o oposto.

IDOSOS E POBRES

As autoridades têm repetido há semanas que o anseio destacado de sua estratégia é proteger os mais idosos. Mas 40% de todas as vítimas estavam infectadas nas casas que os abrigavam. E, enquanto não se providenciava testes para o pessoal que cuidava destes idosos, o vírus chegou a um terço das casas de repouso de Estocolmo. A vasta maioria das mortes por Covid-19 na Suécia corresponde a pessoas de idade acima dos 70.

Além disso, as áreas em regiões de Estocolmo habitadas principalmente por imigrantes com status socioeconômico mais baixo estão mais intensamente presentes entre as infectadas pelo vírus.

A pior estatística aponta para Rinkeby-Kista (o subúrbio ao qual Trump se

referiu ao destacar “Vejam o que aconteceu na noite passada na Suécia”) com a maior taxa per capita (48 por 10.000).

Nas áreas socialmente privilegiadas, a exemplo de Kungsholmen, o nível de contágio é de nove casos a cada 10.000 habitantes. Em 16 de março, uma organização somali de médicos revelou que pelo menos seis das 15 fatalidades ocorridas até aquela data em Estocolmo eram de origem somali.

Mais medidas em detrimento dos idosos consistem de instruções aos médicos sobre como priorizar na seleção de pacientes na UTIs. Elas deixam claro que pacientes com idade de 80 acima não devem ser prioridade. Da mesma forma, não devem ser prioritárias pessoas de 70 a 80 anos que apresentem doenças preexistentes com dano significativo a mais de dois órgãos.

Estas regras devem ser aplicadas em situações nas quais não haja leitos suficientes para casos críticos. No entanto, mesmo com o esforço atual das autoridades para prover mais leitos, a Suécia é, de acordo com as estatísticas da União Europeia o país europeu com o menor número de leitos para tratamento intensivo em seus hospitais.

A mídia local informa que, durante os anos 1990, a Suécia desmontou a maior parte de seus hospitais de campanha que haviam sido mantidos até ali para o caso de catástrofes.

* Professor emérito na cátedra de Epidemiologia na Universidade de Gävle, Suécia, e ex-pesquisador na Faculdade de Medicina de Harvard

Leia mais em www.horadopovo.com.br

A República e a formação do caráter nacional - (1)

A ideia de que somos uma coleção de nações (ou seja, de “culturas”), além de ser mera “narrativa” – isto é, mentira – subserviente a supostos modelos externos, como apontou Pierre Bordieu (...), serve, no momento – usando uma sintética expressão popular -, para facilitar a vida do fascismo

CARLOS LOPES

Para Renato Rabelo e Werner Rempel

“... o cosmopolitismo – essa espécie de regime colonial do espírito que transforma o filho de um país num emigrado virtual, vivendo, estéril, no ambiente fictício de uma civilização de empréstimo”

Euclides da Cunha

Em seus últimos escritos, Celso Furtado chamou atenção para a existência, dentro do Brasil, de uma pequena camada que pretende viver – e efetivamente vive – com os padrões de privilegiados dos países centrais (a expressão de Furtado era “imitam os padrões”: v. **Em Busca de Novo Modelo – Reflexões sobre a crise contemporânea**, Paz e Terra, 2ª ed., 2002, p. 8).

O problema, friso Furtado, é que a manutenção desses padrões, para tão pouca gente, se dá às custas de todo o país, de toda a Nação, vale dizer, de todo o povo brasileiro, através de uma brutal concentração de renda e “forte propensão a importar”.

Essa camada não é constituída apenas por aquelas 60 mil famílias que vivem de juros, espoliando as mais de 62 milhões de famílias – segundo o último Censo – que há no país (cf. Alcino Ferreira Camara Neto e Matias Vernengo, **“Conta de Juros Grande e Favela – Formação da Elite Rentista no Capitalismo Tardio e Periférico”**, BRV-Com, 2013).

É um pouco mais que isso, até porque existem suas extensões ideológicas – gente que prefere entrar em uma “Cafeteria” do que em um “Cafê”, ou que chama a si mesmo de “ceciliers”, quando moram no bairro paulistano de Santa Cecília; ou “fariáliers”, quando circulam pelos antros financeiros da Avenida Brigadeiro Faria Lima, também em São Paulo.

Mas, certamente, não é muita gente. Aliás, é pouquíssima gente.

Nos últimos anos, essa camada foi cevada, com isso se tornando cada vez mais reduzida – parece um paradoxo, mas não é – em relação ao conjunto do país. Agora, aparece ostensivamente o seu lado mais podre, mais bandidesco, mais sem escrúpulos, no “ministério da economia” de Bolsonaro.

O que é Guedes, senão um representante dessa micro-casta, aliás, sua condensação? A escroqueria, a podridão ao ar exposta, o ódio a quem trabalha, a quem empreende, ao povo e ao país, apenas enfatiza essa “condensação”.

O que são os outros, inclusive Bolsonaro, senão aspirantes – pelo método de Goering – a pertencer a essa camada?

A tosquião desses outros, sua imbecilidade – e seu fascismo – não elimina nem contraria essa aspiração, completamente antinacional. Pelo contrário, só a evidencia, por sua sofreguidão destrambelhada, pela lei da selva a que pretendem submeter o país.

Obviamente (é mais fácil, infelizmente, escrever esta palavra do que convencer a alguns do que nos parece óbvio), não é possível combater o obscurantismo, a destruição do país e o fascismo a partir de posições que não sejam nacionais.

A ideia de que somos uma coleção de nações (ou seja, de “culturas”), além de ser mera “narrativa” – isto é, mentira – subserviente a supostos modelos externos, como apontou Pierre Bordieu (cf. **Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista**, Estudos Afro-Asiáticos, vol.24, nº 1, 2002), serve, no momento – usando uma sintética expressão popular -, para facilitar a vida do fascismo.

Embora, em outro trabalho, já tenhamos tocado nessa questão (e no mesmo sentido), Antonio Risério fez uma síntese essencial, quanto ao problema da miscigenação:

“... o grosso da mestiçagem se deu entre os grupos sociais subalternos ou dominados: entre brancos pobres, índios servís ou semiservís, e pretos escravos, livres ou libertos. Eram misturas se multiplicando na periferia pobre das vilas e cidades coloniais, nas pequenas lavouras, em quilombos, nos portos e comunidades pesqueiras, nas vizinhanças vegetais dos engenhos, em fazendas e fazendas, em múltiplos caminhos do povoamento do futuro país. É o mais importante: depois das miscigenações iniciais, a mestiçagem vai passar a se processar, evidentemente, em meio a uma população já majoritariamente mestiça, entre mamelucos, mulatos e cafuzos. É nesse contexto que Antonil, escrevendo ainda em 1711, poderá reproduzir um provérbio da época, dizendo que o Brasil era o inferno dos pretos, o purgatório dos brancos e o paraíso dos mulatos e das mulatas” (cf. Antonio Risério, **“A mestiçagem brasileira foi um processo popular”**, OESP, 22/06/2019).

A história de que a miscigenação no Brasil é um produto do estupro a que os senhores submetiam as escravas é uma estupidez (ouvi, uma vez, um suposto entendido na matéria dizer que “o mulato é produto do estupro”; senti-me atingido pessoalmente, e quase que a discussão resvalou para o chamado desforço físico; mas foi bobagem da minha parte sentir-me atingido pessoalmente por uma imbecilidade).

Em vários outros trabalhos (por exemplo, **“Maria Graham no Brasil: Maria Quitéria, José Bonifácio e o alvorecer do país”** e **“Os Andradas e outros heróis da Independência do Brasil”**), destacamos os mestiços como principal base da Independência e a oposição destes aos portugueses, que os chamavam, pejorativamente, de “cabras”. Como escreve Risério:

“... historicamente, o sentimento de ser brasileiro, ou de uma diferença nossa, com relação a Portugal, vai se enraizar e se espalhar, primeiramente, em meio à população mestiça que não ocupava o cimo da nossa hierarquia social, a exemplo daqueles mulatos que promoveram a chamada conspiração dos alfaiates, na Bahia setecentista.”



Foto: Dia 15 de novembro de 1889, no Rio de Janeiro: a Proclamação da República

regulador das finanças do Brasil); e a *crise da lavoura*, impropriamente chamada *crise bancária*, estalou em 10 de setembro de 1864” (cf. **Exposição do Visconde de Mauá aos Credores de Mauá & C e ao público**, Rio, 1878, p. 135, itálicos no original).

Não pretendemos voltar a uma abordagem da economia do país na segunda metade do século XIX. Mas existem algumas questões que consideramos importante focalizar.

A primeira é que, em um país de economia quase toda agrícola, de trabalho escravo, “não só o comércio, como as casas bancárias, estavam em mãos de portugueses, como dessa nacionalidade já haviam sido os maiores importadores de negros até 1853. (...) A grande maioria das casas comerciais e bancárias, a cujas mãos se entregavam os fazendeiros em momentos de aperto, era de fato portuguesa” (cf. Vicente Licínio Cardoso, **“A Margem da História do Brasil”**, 2ª ed., CEN, 1938, pp. 143 e 144).

O Souto que quebrou em 1864 não era, portanto, um caso isolado.

Em 1877, um autor, Manuel Thomaz Alves Nogueira, constata: *“a produção do café estava estacionária desde 1856, pois que nos anos de 1865, 67, 69 e 75, o aumento derivava, tão somente, da abundância de colheita sem nenhuma dilatação de cultivo de novas terras”* (cit. in Vicente Licínio Cardoso, **op. cit.**, pp. 144-145).

[UMA NOTA: É bastante tentador atribuir a essa situação econômica a política exterior dos liberais, liderados por Zacarias de Góes e Vasconcelos, no governo desde janeiro de 1864, de intervir no Uruguai – o que acabaria na eclosão da Guerra do Paraguai. Mas seria falso. A intervenção no Uruguai foi aprovada na Câmara em abril de 1864, quando nada anunciava – do ponto de vista das aparências – a crise de setembro.]

Em outros trabalhos nos referimos à escravidão como principal obstáculo ao crescimento do país desde, pelo menos, a crise bancária de 1864 – a chamada “quebra do Souto”, devido ao seu início, em setembro de 1864, com a falência da Casa Souto.

Quem era esse Souto? Um português chamado Antonio José Alves Souto, que recebera o título de visconde de Souto:

“O Souto era o mais acreditado e o mais popular dos banqueiros havidos e por haver no Brasil; a sua casa inspirava uma confiança absoluta, e não havia homem do trabalho que, avisado e previdente, não houvesse lá depositado as suas economias” (Artur Azevedo, “Ou paga ou morre!”).

Então, por que Souto faliu e arrastou consigo as outras “casas bancárias”?

Em **A revolta dos escravos e o fim do Império** nos referimos à política dos “metalistas”, em especial Torres Homem, e também Silva Ferraz, que substituíra o “papelista” Souza Franco no Ministério da Fazenda, em setembro de 1859.

Aqui, apenas frisaremos a conclusão de Mauá, de que essa “crise bancária” era o reflexo de uma crise na produção:

“Aos desacertos governativos, seguiu-se em curto prazo, a calamidade de algumas más colheitas sucessivas, o que acarretou *desequilíbrio*, (sendo a produção o verdadeiro

Portanto, implicitamente, o que se procura negar com o mal chamado “multiculturalismo” é a própria Independência do país como fato histórico, ainda que essa negação seja no plano ideal ou na fantasia. Se a Nação não existe, se sua base popular – isto é, sua população – é constituída pelos descendentes do estupro, de que independência se pode falar?

Se não somos uma nação – mas uma colcha de retalhos étnica -, como a Independência nacional pode ter existido?

Entretanto, os problemas atuais do país – inclusive a destruição econômica e o fascismo bolsonarista, **portanto, também o racismo** – não podem ser resolvidos (não podem sequer ser enfrentados) se não somos uma nação, ou, o que é a mesma coisa, se não afirmamos nosso caráter nacional.

Não é possível enfrentar a atual desgraça, se concedemos aos inimigos do país o uso do que simboliza esta Nação – a começar pelo verde-amarelo ou pela bandeira do Brasil.

Pior ainda se concedemos a esses inimigos o uso **exclusivo** desses símbolos da nacionalidade.

Foi com esses símbolos – e essas cores – que derrubamos a ditadura, e, não por acaso, à medida que se aproximava da sepultura, ficou cada vez mais difícil, para aquele malfadado regime, manipulá-los (não faltaram tentativas, durante 21 anos; para os primeiros momentos, logo após o golpe de 1º de abril, v., por exemplo, o livro de Carlos Heitor Cony, **“O Ato e o Fato”**; ou o **“Febeapá – O Festival de Beateira que Assola o País”**, de Stanislaw Ponte Preta).

Porém, isso apenas aconteceu porque a Nação, apesar de todas as amarras, existia – assim como existe – e se levantava contra as amarras que a tolhiam.

Mas o que é a Nação?

Do ponto de vista histórico, antes de tudo, o seu caráter, o seu “ethos”. O Brasil, há muito, formou um caráter nacional, exatamente o que pode ser chamado de **ethos**.

Tal ethos, na forma que chegou até a Revolução de 30, e depois desta, foi um resultado, sobretudo, da luta contra a escravatura e contra a monarquia.

Aqui, não há subestimação da História anterior do Brasil e do povo brasileiro. Ao contrário (sobre essas questões históricas, v., por exemplo, Sérgio Cruz, **“Pátria Livre Ainda Que Tardia – A verdadeira história de Tiradentes”**, NELPA, 2011).

A questão é de outra ordem:

1) a incorporação daqueles que a monarquia manteve por escravos por quase sete décadas (1822-1888), parte dos que construíram o país, mas ainda restavam cativos;

2) por consequência, a falta



bém, que o governo brasileiro pagasse uma indenização por aquilo que teria sido roubado.

O ministro brasileiro repeliu a nota de Christie, respondendo que “a legislação brasileira não permitia interferência de agentes estrangeiros a dirigir processos, e que o Governo imperial se não considerava responsável por malefícios isolados praticados em costas bravias e desabitadas, tanto mais quando as autoridades nacionais se revelavam ativas e zelosas no cumprimento de seus deveres. Lembrava, finalmente, ao diplomata que nos primeiros inquéritos e diligências havia comparecido e sido ouvido o cônsul britânico” (cf. J.M. Pereira da Silva, **“Memórias do Meu Tempo”**, Senado Federal, 2003, p. 297).

Foi, então, que ocorreu o segundo incidente, aliás, mais importante para a explosão popular que seguiu.

João Manuel Pereira da Silva, conselheiro e senador do Império, nessa época deputado pelo Rio de Janeiro – e prócer do Partido Conservador – resumiu brevemente, em suas memórias, o que houve:

“A 17 de junho de 1862, três oficiais da marinha britânica, pertencentes à tripulação da fragata *Ford*, ancorada no porto do Rio de Janeiro, vestidos à paisana, dirigiram-se à serra da Tijuca, em passeio permitido pelo seu respectivo chefe. Divertiram-se durante o dia, descansaram e alimentaram-se em uma estalagem, e ao anoitecer trataram de regressar para a cidade, a fim de se recolherem a bordo de seu navio.

“Em caminho, divisaram uma estação policial, e alegres e cantarolando depois de suas pitorescas excursões, aproximaram-se, começaram a zombar da sentinela e a dirigir-lhe palavras e gestos que lhe desagradaram. Aconselhou-os a sentinela a continuar tranquilamente o caminho. Em vez de se acomodarem, pretenderam os três ingleses penetrar à força na estação. Acudiram soldados em defesa da sentinela, que repeliu seus propósitos. Enleou-se uma pequena luta, e o oficial prendeu os três ingleses, e remeteu-os incontinenti ao subdelegado da paróquia do Engenho Velho que, não obtendo deles declaração de seus nomes e qualidades, os fez recolher ao xadrez, onde estavam guardados vários delinquentes.

“Ao amanhecer do dia seguinte, enviou-os o subdelegado ao chefe de polícia, noticiando-lhe o ocorrido.

“Viu-os o chefe de polícia, e chamou o vice-cônsul inglês para reconhecê-los. Foi-lhe então por este funcionário declarado que eram oficiais da fragata *Ford*. Mandou-os o chefe agasalhar com as devidas atenções no quartel da polícia e tratou de inquirido a respeito do acontecimento. Requisitou-os o vice-almirante da Esquadra britânica, e o chefe de polícia convenceu de que não havia suficiente motivo para processá-los, ordenou que se lhes desse plena liberdade” (cf. J.M. Pereira da Silva, **“Memórias do Meu Tempo”**, Senado Federal, 2003, pp. 297-298).

Continua no site